

BOLETIM ICOM PORTUGAL

Série III Junho 2018 N.º 12



*Profissionais de Museus
Novas Competências?*

ICOM international
council
of museums
Portugal

Índice

| | |
|---|-----------|
| Editorial | 3 |
| Mensagem do Presidente | 6 |
| Breves | 9 |
| Em Foco | 12 |
| <i>Breves Reflexões sobre o Ensino e a Formação em Museologia, o Papel da Museologia no Trabalho de Museu e os Novos Profissionais de Museu</i> | 12 |
| Perspectivas | 22 |
| <i>Profissionais de Museus: Novas Competências? (I)</i> | 22 |
| Perspectivas | 25 |
| <i>Profissionais de Museus: Novas Competências? (II)</i> | 25 |
| Entrevista | 29 |
| <i>com Paula Menino Homem</i> | 29 |
| Conferências: balanços | 46 |
| <i>Museologia e Arquitectura: Que Relação para o Futuro?</i> | 46 |
| <i>Comunicar em Museus, das Ferramentas às Competências</i> | 49 |
| <i>Museus Hiperconectados: O Caso das Casas-Museu</i> | 52 |
| <i>Museus Hiperconectados: Novos Desafios e Perspectivas</i> | 55 |
| <i>Competências para o Sector Cultural: Perspectivando os Desafios do [futuro] Digital</i> | 58 |
| <i>Acção Cultural em Museus: O Que Significa?</i> | 61 |
| <i>Inovação nos Museus Europeus</i> | 64 |
| <i>Dia Internacional dos Museus no Japão</i> | 67 |
| Museus & Pessoas | 69 |
| <i>Isabel Victor</i> | 69 |
| Opinião dos Membros | 78 |
| <i>Em 2018, o Valor do Património Cultural para a Sociedade</i> | 78 |
| Publicações | |
| Sugestões de leitura | 80 |
| Novas edições | 81 |
| Agenda | |
| Conferências, encontros, debates | 85 |
| Formação | 89 |
| Chamada para propostas | 90 |

Editorial



«A capacidade de adaptação dos museus [à mudança] está directamente ligada às competências técnicas dos profissionais que neles trabalham.»

Esta ideia expressa por Maria Vlachou neste boletim (p. 25) resume bem a pertinência de reflectirmos hoje sobre o trabalho e as profissões em museus num mundo em mudança. Que competências são hoje necessárias e expectáveis? Podemos falar de competências ditas “tradicionais”, ainda que conscientes de que também estas estarão em constante desenvolvimento, mas também de competências que evidenciam outras necessidades resultantes de processos de mudança no campo social e das tecnologias, por exemplo. Como é que a oferta formativa, formal e não formal, tem respondido a estas mudanças? Que relação entre a oferta formativa, as necessidades do sector e a empregabilidade? Que diagnóstico podemos observar? Que desafios e perspectivas se identificam? Foi com estas perguntas em mente que desenhámos este número com os contributos imprescindíveis dos colegas que responderam ao nosso repto, e a quem especialmente agradecemos.

O artigo (*Em Foco*) de Graça Filipe, ligada à docência universitária na área da Museologia, é suficientemente enquadrador de alguns dos pontos já enunciados. Como sublinha a autora, «com a evolução da oferta formativa e o investimento feito nela pelas universidades, constata-se que não só não foram definidas reais vias profissionalizantes para um delineável sector de património e museus, como não se verifica uma articulação estrutural e equilibrada entre o aumento e a especialização da formação, o mercado de trabalho e a profissionalização de novos trabalhadores especializados» (p. 13).

Na secção *Perspectivas*, outros tópicos são desenvolvidos por Inês Bettencourt da Câmara e por Maria Vlachou, respectivamente, ambas com experiência de terreno no âmbito da oferta formativa não formal.

Finalmente, uma entrevista com Paula Menino Homem, directora do curso de mestrado em Museologia da Universidade do Porto, na qual se reflecte, de forma alargada, sobre a oferta formativa a partir da perspectiva e do caminho trilhado por esta Universidade.

Em *Museus & Pessoas* destacamos o perfil de Isabel Victor, conhecida museóloga, actualmente na direcção do Museu Sporting.

Como habitual, temos um conjunto significativo de textos de comentário sobre conferências ligadas à actividade do ICOM, nacional e internacional. E ainda uma selecção de publicações, incluindo sugestões de leitura e novas edições no panorama nacional e internacional, assim como um leque diverso de eventos em agenda para os próximos meses.

O próximo boletim (Outubro) continuará a enquadrar-se nas propostas temáticas do Ano Europeu do Património 2018, na perspectiva de contribuir para a sua reflexão, a partir do campo dos museus, enquanto parceiros activos na preservação e comunicação de patrimónios.

Bem hajam!

Ana Carvalho

Colaboram neste número

Aida Rechená

Ana Carvalho

Ana M. Araújo Camacho

Ana Sofia Nunes

José Alberto Ribeiro

José Gameiro

Graça Filipe

Inês Bettencourt da Câmara

Isabel Victor

Maria Vladhou

Maria da Luz Nolasco C.

Maria Miguel Lucas

Manuel Furtado Mendes

Paula Menino Homem

Susana Medina

Ficha Técnica

Boletim ICOM Portugal, Série III, N.º 12, Junho 2018 | ISSN 2183-3613

Este boletim é uma edição da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM Portugal). Publica-se três vezes por ano (Fevereiro, Junho e Outubro). As opiniões expressas nos textos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores, não reflectindo necessariamente os pontos de vista do ICOM Portugal. O boletim adopta a antiga ortografia.

Editora: Ana Carvalho | Revisão: Dália Paulo

Projecto gráfico: Rui Belo | Imagem da capa: Manifesto sobre museus no âmbito do Seminário *Museus Participativos, Questões e Acessibilidade, Sustentabilidade e Outros Manifestos* (org. Fundação Dr. António Cupertino de Miranda e colaboração da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 7 de Maio de 2012)

Créditos imagens: © Emya – M. Starowieyska/Polin Museum (p. 64)

ICOM Portugal | Palácio Nacional da Ajuda – Museu, Ala sul – 2.º Andar, Largo da Ajuda, 1349-021 Lisboa | tel. 213637095 | info@icom-portugal.org | boletim.icom.pt@gmail.com | <http://www.icom-portugal.org> | <https://www.facebook.com/icomportugal>

Mensagem do Presidente



A 23 e 24 de Fevereiro decorreu a 9.^a jornada dedicada às Casas-Museu em Portugal. Foi subordinada ao tema do ICOM para o Dia Internacional dos Museus (DIM) 2018 – *Museus Hiperconectados: Novas Abordagens, Novos Públicos*, a partir de uma abordagem centrada nas casas-museu. O encontro foi acolhido pela Casa-Museu Frederico de Freitas (Funchal), sendo organizado pelo ICOM/DEMHIST (Comité Internacional do ICOM para Museus em Casas Históricas).

A 5 de Março organizámos as Jornadas da Primavera, que são já uma tradição para reflectir sobre o actual momento dos museus e seus profissionais. Foi escolhido o tema *Museus Hiperconectados: Novos Desafios e Perspectivas* para assinalar o DIM e perspectivar a preparação do mesmo. Hiperconetividade é um termo criado em 2001 para designar as múltiplas formas de comunicação dos nossos dias, tais como: contacto pessoal (*face-to-face*), correio eletrónico, mensagens instantâneas, telefone ou Internet. Esta rede global de conexões torna-se a cada dia mais complexa, diversa e integrada. No mundo hiperconectado de hoje os museus juntam-se a esta tendência. Quisemos, assim, aprofundar a reflexão sobre esta realidade e proporcionar um debate alargado sobre como poderão os museus estimular e desenvolver novas, mais complexas e diversificadas conexões, numa perspectiva de pluralidade de ligações às comunidades locais e globais, no quadro das suas paisagens culturais.

No dia 18 de Abril teve lugar na Universidade do Porto o Encontro Internacional *+Digital Future: Competences for the Cultural Sector*, no âmbito do projecto [Mu.SA](#) – *Museum Sector Alliance* no qual o ICOM Portugal é um dos parceiros portugueses juntamente com a Universidade do Porto

e a Mapa das Ideias. O Encontro enquadrou-se na programação do Ano Europeu do Património Cultural (*Património: Onde o Passado Encontra o Futuro*) e na celebração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios (*Património para as Gerações*). Com este Encontro pretendeu-se contribuir de forma activa para o desenvolvimento de ferramentas que ajudem os profissionais de museus a adquirir competências que lhes permitam enfrentar os novos desafios do mundo digital.

No passado dia 18 de Abril, o ICOM Portugal emitiu um [comunicado](#) após uma reunião com o Ministro da Cultura, alertando para os problemas existentes na área dos museus. Estando o governo a meio da legislatura questionámos algumas medidas prometidas em programa de governo para a área museológica, tais como: autonomizar as áreas dos museus e património; revitalizar a Rede Portuguesa de Museus (RPM) com vista à valorização e qualificação dos museus portugueses, dos seus profissionais e dos serviços que prestam ao público; consolidar a oferta pública de museus e flexibilizar os seus modelos de gestão, e permitir que certos equipamentos culturais bandeira, como museus e monumentos de especial relevância, possam beneficiar de uma maior autonomia de gestão. Todavia, não nos foram transmitidos quaisquer projectos de melhoria das condições actuais. Foram enumerados os vários problemas dos museus e dos seus profissionais, e a falta de capacidade de concretização de algumas medidas prometidas, cuja justificação é apontada como impossível de concretizar até ao final da legislatura por razões de equilíbrio financeiro.

Após este comunicado registámos com agrado as afirmações proferidas pelo Primeiro-Ministro, no dia 18 de Maio, em visita ao Museu Nacional do Azulejo, anunciando para 2019 maior autonomia e uma «nova forma de gestão mais ágil, sobretudo, no sentido de ajudar a dinamizar o investimento necessário para a sua própria vida» (*in* jornal [Público](#)). Aguardamos a concretização deste compromisso.

A 26 e 27 Abril o CECA (Comité Internacional do ICOM para a Educação e Acção Cultural) realizou a sua conferência regional na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com o apoio do ICOM Portugal, com o objectivo de discutir o conceito de acção cultural nos museus e a relação entre educação e acção cultural.

A 18 e 19 de Maio últimos assinalaram-se o DIM e a Noite dos Museus. Congratulamo-nos com o grande número de actividades e a resposta interessada e participativa dos públicos em todo o território nacional.

Ainda no âmbito do DIM participámos num simpósio em Osaka, no Japão (ver artigo, p. 52), organizado como evento preparatório da [Conferência Geral](#) do ICOM a realizar em Quioto, em 2019. Além de Portugal, foram convidados a participar a comissão nacional do ICOM da Zâmbia e o Património Cultural de Singapura. A experiência permitiu conhecer a realidade museológica de diferentes países, sendo que Portugal impressionou pelas suas actividades anuais e publicações, especialmente pela reduzida dimensão da equipe.

Recentemente, tem sido motivo de debate a criação de um museu dedicado aos Descobrimentos em Lisboa, razão que levou o ICOM Portugal a organizar o debate *Museu das Descobertas: Sim, Não, ou Talvez?* que se realizou no dia 20 de Junho, no Museu do Oriente. Sobre o debate, o ICOM Portugal divulgou recentemente um comunicado (disponível no nosso [website](#)).

Este ano as Jornadas de Outono do ICOM Portugal serão dedicadas ao tema do Património Cultural e terão lugar no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, a 19 de Outubro.

A todos votos de um bom trabalho.

José Alberto Ribeiro

Breves



Acesso Cultura distingue o Museu da Presidência da República com o prémio Linguagem Simples 2018

No passado dia 13 de Março, no Teatro Nacional D. Maria II, decorreu a cerimónia de entrega do prémio da Acesso Cultura – Linguagem Simples 2018. O prémio foi para o Museu da Presidência da República pelo texto de introdução à exposição *Boa Viagem, Senhor Presidente! De Lisboa até à Guerra. 100 anos da primeira visita de Estado*. Uma menção honrosa foi ainda atribuída às Formas Efémeras (Unipessoal Lda.) pelo texto da exposição *Casa do Bombo de Lavacolhos no Fundão*. Trata-se de um prémio de reconhecimento que vem criar uma motivação adicional para estudar, implementar e dar a conhecer as boas práticas na comunicação escrita. Saiba mais em: <https://acessocultura.org>

Jardim Botânico do Palácio de Queluz distinguido com prémio Europa Nostra

A requalificação do Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz é um dos 29 projetos distinguidos pelo júri dos prémios Europa Nostra 2018. Foram este ano submetidas 160 candidaturas aos prémios Europa Nostra, de organizações e de particulares provenientes de mais de 30 países europeus. O projeto de requalificação deste jardim botânico venceu na categoria “Conservação” e foi ainda distinguido com o prémio “Escolha do Público”, sendo a primeira vez que Portugal vence nesta categoria. O anúncio aconteceu a 23 de Junho, durante a primeira Cimeira Europeia do Património Cultural (Berlim, Alemanha). Mais informações: <http://www.europeanheritageawards.eu>

ICOM Portugal participa no programa Encontros com o Património dedicado aos museus hiperconectados

O programa de rádio *Encontros com o Património* (parceria entre a Direção-Geral do Património Cultural e a TSF Rádio Notícias) transmitido a 12 de Maio foi dedicado ao tema do Dia Internacional dos Museus – *Museus hiperconectados*. O programa, conduzido pelo jornalista Manuel Vilas Boas contou com a participação de José Alberto Ribeiro (ICOM Portugal), Ana Carvalho (Universidade de Évora), Rita Canavarro (Museu do Dinheiro) e Paula Brito Medori (Museu Nacional de Arte Antiga). De emissão semanal, o programa é transmitido há 11 anos. Mais informações: <https://www.tsf.pt>



Museu do Design de Londres distinguido com o Prémio Museu Europeu do Ano

O Museu do Design de Londres recebeu o prémio Museu Europeu do Ano 2018 numa cerimónia que se realizou no passado 12 de Maio em Varsóvia (Polónia), uma iniciativa do Fórum Europeu de Museus. O Museu Nacional dos Coches (Lisboa) e o Museu Nacional Ferroviário (Entroncamento) também integravam a lista dos 40 nomeados ao prémio. Foram ainda distinguidos os seguintes museus: Betina Museum of Wooden Shipbuilding (Betina, Croácia) – com o prémio Silletto; Estonian National Museum (Tartu, Estónia) – com o prémio Kenneth Hudson. Conheça a lista completa, incluindo as menções especiais em: <https://european-forum.museum>

Projecto Fotossíntese do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra nomeado para o prémio UMAC 2018

O projecto expositivo *Fotossíntese – O Jardim por quem nos Visita* (Junho-Outubro 2017) do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra esteve entre os três finalistas do prémio UMAC (Comité Internacional do ICOM para os Museus e Coleções Universitárias). Este prémio internacional celebra a dedicação, a criatividade e o impacto dos museus e colecções universitárias na sociedade. Os outros dois projectos nomeados eram da Universidade Livre de Bruxelas (Bélgica) e da Universidade de Perm (Rússia), respectivamente. O vencedor foi anunciado na assembleia-geral do UMAC (21-24 de Junho), tendo sido atribuído o prémio ao projecto da Universidade de Perm. Mais informações: <http://umac.icom.museum>

Prémios APOM 2018

No passado dia 25 de Maio, no Museu Nacional dos Coches (Lisboa), decorreu a habitual cerimónia anual dos prémios da APOM (Associação Portuguesa de Museologia). Entre os vários prémios atribuídos ao longo do dia destaca-se o de “Melhor Museu do Ano” que foi entregue ao Museu Metalúrgica Duarte Ferreira (Tramagal, concelho de Abrantes), um projecto dedicado ao património industrial. Conheça todos os premiados nas 28 categorias em: <https://bit.ly/2kwezvO>



Prémios SOS Azulejo 2018

Em cerimónia realizada no passado dia 24 de Maio, no Palácio Fronteira, foram entregues os prémios SOS Azulejo deste ano. Foram atribuídos prémios nas seguintes categorias: “História de Arte”; “Tese de Doutoramento na área de Estudo de Materiais”; “Intervenção de Conservação e Restauro”; e ainda várias menções honrosas para “Conservação e Restauro”; “Boas Práticas”; “Turismo Cultural”; “Divulgação”; e “Contributos para Inventário”. Destaca-se igualmente o prémio extra concurso “Personalidade” atribuído a João Castel-Branco Pereira pelo seu contributo para o estudo e divulgação da azulejaria histórica e artística portuguesa. O júri, presidido por Vítor Serrão, considerou que, na globalidade, todos os premiados têm contribuído para a defesa e valorização do património azulejar português com trabalhos de excepcional qualidade. Conheça todos os premiados em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt>

Prémio Acesso Cultura 2018

A Acesso Cultura pretende distinguir, divulgar e promover entidades (privadas, públicas, cooperativas, associações e outras) e projectos que se diferenciam pelo desenvolvimento de políticas exemplares e de boas práticas na promoção da melhoria das condições de acesso – nomeadamente físico, social e intelectual – aos espaços culturais e à oferta cultural, em Portugal. Pretende ainda criar exigência junto dos públicos, com vista à melhoria da acessibilidade, assumida como um todo. É neste contexto que no passado dia 20 de Junho, na Casa Fernando Pessoa, foram conhecidas as instituições premiadas para o ano de 2018 nas categorias de “Acessibilidade Integrada”; “Acessibilidade Intelectual”; e “Acessibilidade Social”. Conheça os premiados e os argumentos que levaram à sua distinção em: <https://acessocultura.org/servicos/premio-acesso-cultura>

ICOM Portugal representado em Paris

Realizou-se em Paris, entre 6 e 8 de Junho, a habitual reunião anual do Conselho Internacional de Museus. O ICOM Portugal esteve representado pelo nosso presidente, José Alberto Ribeiro. Das sessões destaca-se a apresentação do [relatório anual](#) de actividades (2017) do ICOM e a escolha (através de votação) de Alexandria, no Egipto para acolher a Conferência-geral do ICOM em 2022. Foram ainda decididos os temas do Dia Internacional dos Museus para 2020 e 2021: *Museums for Diversity and Inclusion* (2020) e *Museums: Inspiring the Future* (2021). Mais informações: <http://icom.museum>

Em Foco

Breves Reflexões sobre o Ensino e a Formação em Museologia, o Papel da Museologia no Trabalho de Museu e os Novos Profissionais de Museu



*Graça Filipe,
investigadora do Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*

The one thing that can be said universally about people who work in the museum profession is that they're here by choice. (Ackerson 2017, 41)

Embora não a considere demonstrável, esta ideia expressa por Anne W. Ackerson parece-me interpelante sob vários pontos de vista, relacionando a possível escolha ou razão para trabalhar numa instituição museológica com o que hoje se entende por trabalho e profissão de museu, logo, com os conhecimentos e competências necessários ao longo de um tal percurso profissional.

Definir profissionais de museu implica necessariamente um conceito de museu. Tomarei como aplicáveis as definições do ICOM, segundo o qual, nos Estatutos aprovados em 2017, o termo profissionais de museu compreende «o conjunto dos membros do pessoal dos museus e das instituições como tal reconhecidas» – correspondendo pois à definição de museu que o próprio ICOM usa há mais de uma década e se inclui nos seus actuais Estatutos – «e as pessoas que num contexto profissional tenham como actividade principal fornecer serviços, conhecimentos e experiência aos museus e à comunidade museal» (ICOM 2017, artigo 3, secção 3, 3).¹

Ao reconhecer as mudanças ocorridas principalmente a partir da década de 1990, com a evolução da oferta formativa e o investimento feito nela pelas universidades, constata-se que não só não foram definidas reais vias profissionalizantes para um delineável sector de património e museus, como não se verifica uma articulação estrutural e equilibrada entre o aumento e a especialização da formação, o mercado de trabalho e a profissionalização de novos trabalhadores especializados. Apesar disso e da regra geral de precarização ou de polivalência que caracteriza a maioria dos postos de trabalho criados pelas tutelas de património e de museus, designadamente públicas, jovens sobrequalificados desejam e procuram trabalhar para estas, sujeitando-se à multiplicação de estágios, a baixas remunerações ou até mesmo à colaboração em regimes ditos de voluntariado.

Esta realidade e a importância dos problemas apontados convocam a uma investigação e um conhecimento aprofundado de todo o seu contexto, incluindo as implicações e avaliação da formação profissionalizante e da oferta das universidades, como por exemplo foi feito em França (Abrioux e Tanchoux 2016). Esse estudo pode ajudar-nos a compreender

¹ Tradução livre da autora por comparação entre as versões inglesa, francesa e espanhola.

as razões e as escolhas de trabalhar em museus, evitar a depreciação da profissionalização e projectar a formação dos futuros profissionais.

No debate sobre as formações e querendo especificamente considerar o papel da Museologia, no presente e no futuro do sector, é incontornável analisar também a evolução das últimas décadas, a valorização ou a subalternização de conhecimentos e de competências nos percursos dos profissionais mais velhos.

Existe, porém, o problema das várias acepções teóricas de Museologia (Desvallées e Mairesse 2013, 61-64), as quais se repercutem nas respectivas práticas e no seu ensino.

Debruçando-me sobre a minha própria experiência de profissionalização ligada ao património e aos museus, relevo a importância da Museologia, em convivência com a controvérsia e a reflexão sobre as suas diferentes acepções, das quais ressalvo a do domínio de conhecimento e de metodologias que têm por objecto a relação do homem com o meio e a sua compreensão através de processos patrimoniais e museológicos.

Como em muitos outros casos na minha geração, o meu interesse por património e museus surgiu a par de outras experiências de vida. Foi como professora, licenciada em História, que aproveitei algumas oportunidades de formação contínua nestes domínios, na década de 1980, e que iniciei a pós-graduação em Museologia Social (na Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, 1989-1991), tendo já presente a possibilidade de escolha do campo patrimonial e museológico para percurso profissional. Assumida esta opção (em 1989, quando concorri a concurso público e fui contratada a primeira vez, então como conservadora de museu, pela Câmara Municipal do Seixal, para o Ecomuseu), pode-se dizer que a necessidade de adquirir competências e a busca de novos contextos de questionamento (social, cultural e político) sempre foi concomitante com a inquietude pessoal face à experiência numa entidade de tutela autárquica de património e ao próprio quadro geral de serviço pú-

blico. Também por isso, fiz o mestrado em Património e Museologia (com dissertação defendida em 2001, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Em relação aos convites para docência universitária associada à Museologia, para além de propiciadores de um gostoso retorno ao ensino, tenho-os encarado como multifacetada experiência de contacto e de exercício teórico e prático, com património e museus, e com pessoas que pensam neles ou que neles trabalham. Não excluindo outros caminhos profissionais no futuro, sempre me esforcei por esbater fronteiras, desafiando processos de contaminação positiva, quer de carácter disciplinar, quer profissional.

Considerando a Museologia como minha segunda disciplina, em pé de igualdade com a História, e aprendendo a conciliar a vertente académica com o terreno, revejo-me como profissional de museu, não dissociando as funções de museólogo das de agenciador ou facilitador de interacção social e da procura de inovação no campo patrimonial:

As facilitator, a museum professional will see it as his/her responsibility to create and sustain a participatory environment, cultivating cultural awareness and sensitivity. He/she will assist the community or group in reflection on its experience. In all this he/she will bring the professional responsibilities into the discussion. Facilitation should include transparency. (Mensch e Meijer-van Mensch 2011, 61)

Como afirmou Maria Cristina Bruno, a formação profissional «acompanhou e impulsionou mudanças significativas referentes à função social das instituições museológicas» e da sua trajetória emergiram «três pontos de inflexão: a necessidade de renovação nos parâmetros que definem o perfil deste profissional; a incorporação de experimentações metodológicas nos cursos de diferentes modalidades e a inserção de conteúdos que aproximem processos curatoriais de ações de desenvolvimento social e económico» (Bruno 2013, 271).

Peter van Mensch e Léontine Meijer-van Mensch (2011, 12-13) propuseram uma compreensão das mudanças ocorridas e em processo de ocorrer nas profissões de museu em ligação com a emergência de paradigmas que até certo ponto revolucionaram os museus desde o início do século XX, acompanhando as mudanças e o desenvolvimento das sociedades: por volta de 1900 a constituição da profissão de museu correspondeu a uma canonização de princípios básicos de comportamento profissional; por volta de 1970, as consciências profissionais são revolucionadas pelo novo paradigma introduzido com a Nova Museologia; e a partir de 2000 começa a afirmar-se um novo paradigma, cuja palavra-chave é “participação”.

Este ciclo será porventura o que oferece os maiores desafios de sempre aos profissionais. Por um lado, as próprias instituições em que trabalham estão sob efeitos duma recessão de políticas públicas, com diminuição de financiamento e perda de autonomia e subalternização das instâncias científicas e técnicas, dificultando a criação de mecanismos de governação participativa ou pelo menos de modelos de gestão partilhada. Por outro lado, porque lhes faltam inúmeros meios para activar a participação e as competências gerais, até mesmo museológicas, para tal necessárias são diferentes das habituais áreas de conhecimento requeridas para trabalhar em museus e raramente fazem parte das suas formações:

How will you integrate participation into your professional work? How do you see it benefiting your institution, your visitors, and your broader audience of community members and stakeholders? (Simon 2010, 351)

Para se equacionar o impacto da Museologia no posicionamento e desempenho dos profissionais e das próprias entidades museais há que estabelecer a relação com o seu ensino e como este é concebido pelas universidades – pelas quais a Museologia pode ser tratada como disciplina aplicada, ou tornada um campo disciplinar, científico e académico autó-

nomo (Manuel-Cardoso 2014, 1), em que se associem as várias áreas funcionais resultantes da especialização do trabalho de museu.

As últimas décadas mostram duas tendências concomitantes que se reflectem na formação e nos perfis profissionais: as estruturas organizacionais dos museus baseadas em temáticas inerentes à composição das colecções têm dado lugar a estruturas organizacionais baseadas no reconhecimento das áreas funcionais (Mensch e Meijer-van Mensch 2011, 86), com as especializações técnicas – ou disciplinas museográficas, segundo são designadas na Academia Reinwardt de Amesterdão e referidas por Mensch e Meijer-van Mensch (2011, 87) – a ganharem uma crescente importância e autonomia.

Necessário se torna integrar ou associar o desenvolvimento destas disciplinas a contextos museológicos e proporcionar o acesso a este tipo de formação especializada tanto aos novos profissionais, como aos que têm mais anos de experiência e de prática.

O contexto caleidoscópico da formação profissional (Bruno 2013, 271) aponta, creio, uma contínua avaliação e reperspectivação de estrutura curricular e de corpo docente por parte das universidades que integram a Museologia na sua oferta de ensino e a pretendem consolidar como domínio de investigação, de modo a proporcionar também uma estreita articulação com o mercado de trabalho e um contributo à inovação nos museus.

O trabalho de museu convoca princípios deontológicos, em que é fundamental a interrelação entre ética, conhecimento teórico e competências práticas. Às universidades cabe integrar estes aspectos na formação e no ensino, ao mesmo tempo estimulando um pensamento crítico, inter-relativo e motivado para a inovação, sensibilizando os potenciais profissionais para os paradigmas da sustentabilidade e da participação, e ajudando-os a saber construir ferramentas para a sua aplicação ao serviço da sociedade.

Pedro Manuel-Cardoso (2014) identificou os diferentes campos de disciplinas de proveniência das novas competências exigidas à Museologia, consideradas ausentes na formação e ensino anterior a 1980:

- i) competências em expografia, design, gestão, planeamento, programação, recursos técnicos e financeiros, financiamento, infra-estruturas e equipamentos, vindas de um conteúdo curricular em Arquitectura e Gestão;
- ii) competências em Ciências Sociais, para estabelecer: por um lado, a relação com as diferenças sociais e culturais do contexto onde os museus e o património estavam situados; por outro, para contextualizar etno-historicamente esse património; e, ainda, para diagnosticar as oportunidades de Desenvolvimento sócio-económico com base no património e nos museus, e justificar tecnicamente os pedidos de financiamento e patrocínio com base nos benefícios/retorno sociais e culturais potenciados por esse património/museus;
- iii) finalmente, competências em Ciências da Educação e Ciências da Informação, para implementar um processo de comunicação com a diversidade dos visitantes e dos públicos, através da criação de Serviços Educativos e de projectos de Comunicação Museal no seio das comunidades. (Manuel-Cardoso 2014, 15)

O ICOM-ICTOP (2009) indica-nos algumas linhas de orientação para os currículos destinados ao desenvolvimento da formação profissional para museus através de uma exaustiva lista de campos multifacetados que abarcam os vários domínios de desenvolvimento pessoal dos profissionais de museus, agrupados em cinco grupos de competências: gerais (conhecimento e capacidades para todo o pessoal de museu); museológicas (conhecimento e capacidades na aplicação dos fundamentos intelectuais do trabalho de museu); de gestão (conhecimento e capacidades na teoria e na prática de funcionamento do museu); de programação (conhecimento e capacidades de programação para os públicos e de serviço às comunidades do museu); e de informação e conservação (conhecimento

e capacidades para a gestão de colecções, criação, preservação e partilha de recursos de museu).

Numa aproximação empírica e reflectindo sobre a evolução das últimas décadas em Portugal e o actual quadro de ofertas de licenciaturas, mestrados e doutoramentos publicitadas pelas próprias universidades (públicas e privadas) abarcando a formação no sector de património e de museus, a situação é seguramente comparável à de outros países e certamente se foram integrando diversas influências externas, quer pelos percursos de formação de vários especialistas/docentes no estrangeiro, quer pelos próprios requisitos internacionais de organização curricular (antes e após o processo de Bolonha). A minha impressão, porém, é de uma trajectória relativamente errática, quer no que respeita à constituição ou dinâmica de unidades ou centros de investigação, quer em relação às aludidas questões de mercado de trabalho e formação de profissionais, a nível nacional e em termos de políticas públicas.

Segundo o regime da formação profissional na Administração Pública (Decreto-Lei n.º 86-A/2016, de 29 de Dezembro), “formação profissional” é «o processo global e permanente de aquisição e desenvolvimento de competências exigidas para o exercício de uma actividade profissional ou para a melhoria do desempenho, promotor da valorização e do desenvolvimento pessoal e profissional de trabalhadores e dirigentes da Administração Pública e que não confira grau académico» (p. 5142-(34)).

As “modalidades de formação profissional” e o “referencial de formação”² exigem uma sistemática articulação e regulação entre as universidades e as outras instâncias intervenientes.

² De acordo com o regime vigente da formação profissional na Administração Pública (Decreto-Lei n.º 86-A/2016, de 29 de Dezembro) por “referencial de formação” entende-se «o conjunto da informação que orienta a organização e o desenvolvimento da formação em função do perfil profissional ou do referencial de competências associado, contemplando, designadamente, os objectivos de aprendizagem e as competências a desenvolver, os destinatários e requisitos de acesso, o modelo avaliativo, a modalidade de formação, a estrutura curricular, o percurso de aprendizagem, a duração e o perfil do formador» (pp. 5142-(34-35)).

Aos profissionais de museu cabe um importante papel na definição de políticas públicas em que tenha lugar a dita valorização, no contexto da criação de postos de trabalho e de outras inequívocas medidas para a actualização de carreiras e a construção de novos perfis adequados às mudanças no sector, nomeadamente os que emergem de uma visão de futuro para a sociedade, abrangendo o património e os museus.

Referências

- Abrioux , Florence e Philippe Tanchoux. 2016. “La Professionnalisation des Acteurs du Patrimoine vue au Travers l’Évolution de l’Offre de Formation Universitaire.” *In Situ, Revue des Patrimoines* 30. <http://insitu.revues.org/13617>
- Ackerson, Anne W. 2017. “Strategizing Me: Making a Personal Career Plan. Effective Leaders Create Mission statements to Shape their Museum Careers.” *Aam-us.org/March/April 2017/Museum*, 41-45. <https://www.aam-us.org>
- Bruno, Maria Cristina Oliveira. 2013. “Formação Profissional em Museologia: Desafios Metodológicos”. In *VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*, Atas 2012, coord. Graça Filipe, 271. Lisboa: Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.
- Decreto-Lei n.º 86-A/2016, de 29 de Dezembro. *Diário da República*. 1.ª série, n.º 249 (2016), pp. 5142-(33-40) . Define o regime da formação profissional na Administração Pública.
- Desvallées, André e François Mairesse, eds. 2013. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Conselho Internacional de Museus, Armand Colin.
- ICOM-ICTOP. 2009. *Curricula Guidelines for Museum Professional Development*. ICTOP Museum Career Development Tree. [S.l.]: Smithsonian Center for Education and Museum Studies. Actualizado a 28 Agosto de 2009 - http://icom.museum/file-admin/user_upload/pdf/professions/curricula_eng.pdf

ICOM. 2017. “Statutes. As Amended and Adopted by the Extraordinary General Assembly on 9th June 2017 (Paris, France).” [s.l.]: International Council of Museums (ICOM). <http://icom.museum>

Manuel-Cardoso, Pedro. 2014. *O que é a Museologia e o Património?* OGAC: Lisboa.

Mensch, Peter van e Léontine Meijer-van Mensch. 2011. *New Trends in Museology*. Celje, Slovenia: Museum of Recent History Celje.

Simon, Nina. 2010. *The Participatory Museum*. Santa Cruz, California: Museum 2.0.

Perspectivas

Profissionais de Museus: Novas Competências? (I)



Inês Bettencourt da Câmara, fundadora da Mapa das Ideias

A formação contínua é parte integral de qualquer área de conhecimento. A sua importância é tal que existe legislação estabelecendo um mínimo legal, numerosos processos de certificação e quadros de qualificação. E no caso dos museus, existe um enfoque claro nas competências digitais e na gestão cultural como as grandes lacunas a preencher.

Quando fizemos o levantamento das necessidades e motivações dos mediadores culturais europeus no nosso estudo de 2013 (pode ser consultado em museummediators.eu) encontramos uma relativa homogeneidade na formação de base: historiadores nos museus de história e de arqueologia, antropólogos nos museus de etnografia, historiadores de arte nos museus de arte, biólogos e físicos nos museus de ciência, etc. A formação das pessoas relaciona-se profundamente com a natureza dos seus museus, o que se traduz em lacunas precisas: as já identificadas competências digitais e de gestão cultural, mas também no conhecimento sobre os visitantes, as comunidades e a população em geral.

Por essa razão, a formação em comunicação e mediação cultural é fundamental, a par das competências mais específicas, ligadas com a missão do museu. Ela centra-se nos processos de partilha eficaz do conhecimen-

to, na identificação do que une as pessoas nessa relação, em que se procura transmitir ideias através de objectos e colecções.

Portugal tem uma extraordinária tradição académica nas áreas da Museologia e da gestão cultural quando comparada com o resto da Europa. Encontramos verdadeiros fóruns dentro das universidades e politécnicos que estimulam pensamento e inovação dentro dos museus. E dentro da comunidade profissional, o panorama mudou muito nos últimos anos graças ao trabalho contínuo de diversos agentes e associações como a Acesso Cultura – que junta formação com momentos de reflexão e debate. O universo digital também trouxe mais acesso e uma democratização na própria produção de conteúdos. Veja-se o caso da revista MIDAS – *Museus e Estudos Interdisciplinares*, hoje uma referência, produto do trabalho voluntário dos seus editores.

Mas falta-nos o chão para muitas ideias se tornarem práticas ou linhas de acção. As pessoas participam pouco nos fóruns, atropeladas pelo quotidiano e pela escassez de recursos. E, ainda um outro problema, a jusante. Quem faz formação, encarnando o processo, muitas vezes violento, de aprender mais, de confrontar ideias e práticas, regressa em seguida a uma instituição monolítica que rejeita este novo conhecimento.

Infelizmente esta distância aumenta exponencialmente com dirigentes que, não raras vezes, parecem desaprender de aprender, apenas surgindo para falar, em exercícios de ego e de autoridade. Curiosamente, esta atitude é impensável no mundo das empresas, em que as organizações subjugadas a lideranças que nada aprendem, cristalizam e morrem.

Importa, portanto, pensar nos muitos formatos da formação. Qual o melhor modelo de formação? Depois de quase duas décadas a dar aulas no ensino superior, percebo bem a utilidade da formação em sala, clássica, com um interlocutor que transmite o seu conhecimento. Aliás, tenho pena de não ter mais tempo para estes momentos, em que do sossego da plateia apreciamos os mundos intelectuais e afectivos dos outros. E te-

nhos uma profunda desconfiança em relação a estratégias de formação que se esgotam em jogos, *gadgets* tecnológicos ou técnicas de dinâmicas de grupo.

Mas penso que há um modelo intermédio, que se funda na criação de espaços informais de conforto, na valorização do conhecimento e da experiência profissional do outro. Este modelo apresenta obstáculos metodológicos consideráveis, a começar pela selecção dos participantes e a acabar nos produtos intelectuais da sessão. Mas a nossa experiência tem-nos ensinado a confiar na qualidade dos seus resultados.

Temos que nos focar na excelência e no diálogo entre pares. A pausa nas nossas rotinas para olhar e pensar no outro, ouvir o que o colega está a contar, sem egos, sem oradores convidados, com perguntas mais ou menos urgentes e uma enorme curiosidade. Porque, muitas vezes, falta-nos a curiosidade. Queremos contar as histórias de sucesso, mas falta-nos o tempo para aprender com os erros – os nossos e os dos outros – e lembrar as utopias e os valores centrais da nossa actividade profissional.

Não nos faltam temas para exercício do conhecimento e da liberdade, mas temos três grandes problemas relacionados com a formação: a natureza monolítica das organizações; a ausência dos dirigentes e líderes, num autismo rígido centrado na sua autoridade, imunes a novas ideias e experiências que não sejam as suas; e o formato, que deveria ser mais informal e dirigido a uma dinâmica entre pares.

No dia 2 de Julho vamos ter a nossa primeira sessão #MaketheMost com a [Fundação GDA](#), no Pólo das Gaivotas, dedicada ao “Financiamento das Artes e da Cultura”. É uma sessão informal, com uma nova metodologia, em que dois anfitriões – Francisco Cipriano e Joaquim Jorge – acolhem o grupo de trabalho e os oradores convidados. Tenho uma grande expectativa em relação a estes novos formatos formativos e aos seus resultados.

Perspectivas

Profissionais de Museus: Novas Competências? (II)



Maria Vlachou, museóloga

“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta à mudança”. Quer a frase tenha sido erradamente atribuída a Charles Darwin quer não, pode servir de base para a nossa reflexão.

O mundo à nossa volta está em constante mudança. O ambiente político, social, económico, tecnológico regista desenvolvimentos (avanços e, às vezes, recuos) que têm um impacto inevitável nas nossas vidas, como indivíduos e como instituições, museus incluídos. Um organismo que permanece imóvel ou fechado em si próprio corre o risco de ficar isolado e irrelevante. Uma opção individual neste sentido pode ser compreendida e aceite; uma pessoa tem o direito de optar pelo que a deixa mais feliz e confortável. No caso de um museu, no entanto, entidade ao serviço de uma sociedade também em constante mudança, o risco é mais sério e não deveria ser uma opção.

A capacidade de adaptação dos museus está directamente ligada às competências técnicas dos profissionais que neles trabalham. Algumas características que podemos identificar no ecossistema português:

- Começando pelas universidades, existem hoje cursos de vários níveis, mas a maioria centra-se no conhecimento e competências ligados sobretudo às colecções (história, gestão e conservação) e menos na relação dos museus com as pessoas (comunicação/marketing, educação/ mediação/interpretação, acessibilidade física/social/intelectual), ou seja, naquilo que vários museus estrangeiros passaram a chamar *visitor experience* (experiência do visitante). Um debate promovido pela Acesso Cultura em 2014 indicou que, apesar dos responsáveis pelos cursos pensarem que as matérias mais relacionadas com o público estão contempladas nos currículos, os estudantes reclamam pela ausência dos mesmos (ler [resumo](#) do debate). A frequência de vários cursos de formação profissional por muitos estudantes de Museologia/Belas-Artes/Design/Animação Socio-Cultural pode também ser um sinal de confirmação desta ausência e/ou necessidade de abordar estas questões de forma muito concreta e também prática.
- No ambiente de trabalho, o quadro não é muito diferente. Sempre se apostou muito (e ainda bem) na contratação de profissionais com as competências necessárias para desempenharem as tarefas relacionadas com o estudo, a gestão e a conservação das colecções; nos últimos anos, há um maior envolvimento de profissionais das áreas da educação e comunicação; no entanto, um número considerável de pessoas que trabalham nas áreas relacionadas com “a experiência do visitante”, sobretudo em museus municipais fora dos grandes centros urbanos, têm pouca ou nenhuma preparação técnica para desempenhar a suas funções. De acordo com a minha experiência na área da formação, este é um problema que dificilmente se resolve com formações pontuais, que pressupõem sempre algum conhecimento prévio.

Perante esta realidade, é evidente que o sector dos museus em Portugal necessita ainda de investir em competências que podemos considerar “tradicionais” (se bem que estas também estão em constante desenvolvi-

mento), ao mesmo tempo que surgem necessidades de formação em áreas novas, resultado de mudanças no nosso ambiente, sobretudo social e tecnológico.

Começando pelas áreas consideradas tradicionais, não há dúvida que são necessárias competências sólidas nas áreas de gestão (de museus e não só de colecções) e em tudo o que se relaciona com a experiência dos visitantes (comunicação/marketing/relações públicas/atendimento, educação/ mediação/interpretação, acessibilidade física/social/intelectual). Estas questões devem ser contempladas tanto a nível dos cursos universitários como a nível da formação profissional contínua.

No que diz respeito a competências novas, as relacionadas com o mundo digital surgem como primeira prioridade, devido às grandes e impactantes mudanças trazidas recentemente pela tecnologia. Projectos como o [Mu.SA](#) (que conta com a participação de Portugal) ou o [One by One](#) (Reino Unido) trazem-nos já uma ideia do estado da arte e das necessidades, que não se relacionam apenas com o desempenho de determinadas tarefas dentro do museu, mas também com a aquisição de conhecimentos (e respectivo léxico) para se poder dialogar com os múltiplos fornecedores de serviços nesta área e avaliar as suas propostas.

Uma outra necessidade, que me parece estar algures entre o tradicional e o novo, é a dos chamados *diversity officers* (técnicos de diversidade). Contratados cada vez mais por museus nos Estados Unidos e no Reino Unido, são profissionais que trabalham no sentido de ajudar os museus a permanecer representativos das comunidades em que se inserem e relevantes para elas. A integração destes profissionais nas equipas em muitos casos torna estas mesmas equipas mais diversas e representativas, uma outra grande necessidade (e exigência) hoje em dia.

Uma última nota ainda, sobre liderança. Regressando à frase que serviu de base para esta reflexão, a capacidade de adaptação à mudança pressupõe também inteligência e sensibilidade. Envolve abertura, para sermos

desafiados e para nos interrogarmos a nós próprios. Necessita ainda de força, no sentido de coragem, para não ficarmos presos nos nossos lugares confortáveis e para sabermos arriscar. Estas são algumas das características que aprecio em colegas que considero líderes no nosso sector. Podemos pensar que estas são qualidades naturais, ligadas à personalidade. Mas não são só isso. Têm a ver também com conhecimento e treino. Nos Estados Unidos e no Reino Unido existem cursos em *cultural/museum leadership*, promovidos por fundações e/ou entidades culturais. Envolvem como formadores profissionais reconhecidos pelas suas capacidades técnicas; e seleccionam como formandos profissionais que demonstram potencial nesta área, proporcionando-lhes a formação gratuitamente. Poderia ser algo a considerar também em Portugal.

Entrevista

com Paula Menino Homem



É directora do curso de mestrado em Museologia da Universidade do Porto desde 2014, e professora auxiliar no Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da mesma Universidade. É especialista na área da conservação preventiva. Doutorou-se em Museologia com a tese *Corrosão Atmosférica da Prata: Monitorização e Perspectivas de Conservação Preventiva* (2013). Na Universidade do Porto participa nos projectos *Mu.SA – Museum Sector Alliance* (2016-2019) e *EU-LAC – Museums and Community: Concepts, Experiences, and Sustainability in Europe, Latin America and the Caribbean* (2016-2020), coordenando algumas actividades. A entrevista toma como fio condutor o papel da formação em Museologia, não só em jeito de diagnóstico mas também de forma prospectiva, a partir da experiência da formação pós-graduada em Museologia da Universidade do Porto.

Ana Carvalho (AC) – O curso de Museologia na Universidade do Porto fará 25 anos em 2019. Que balanço é possível fazer?

Paula Menino Homem (PMH) – O mais correto será referirmo-nos à formação pós-graduada em Museologia, uma vez que foi assumindo diferentes formatos de cursos e, sim, em 2019, mais concretamente a 3 de Janeiro, terão passado 25 anos desde o primeiro dia de aulas, em 1994, do curso de pós-graduação em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Activando memórias, foi um curso iniciado pela mão dos Professores Armando Coelho, Rui Centeno e Jaime Ferreira-Alves (Diário da República, II Série, N.º 96, de 24 de Abril de

1992). Embora fosse uma pós-graduação, tinha a duração de dois anos, abria para candidaturas apenas bianualmente, incluía um estágio de um ano e, para melhor articulação com os museus, funcionava de forma concentrada às segundas e terças-feiras. Pelo Decreto-Lei n.º 55/2001, de 15 de Fevereiro, que definia o regime da carreira dos profissionais da área funcional da Museologia, isto é, a carreira de conservador, foi considerado requisito de habilitação para recrutamento, a par com o curso de Conservador de Museu e dos mestrados em Museologia que existiam. Tempos idos, pois actualmente a realidade das carreiras é bem diferente, considerando a sua extinção e transição para a carreira geral de técnico superior, a partir do Decreto-Lei n.º 121/2008, de 11 de Julho, e da reforma da Administração Pública. Mas foi, na verdade, a oportunidade de actualização para muitos e o começo de um projecto de vida para tantos outros.

Apesar do percurso não ter sido fácil, muito especialmente no que diz respeito à equipa de docentes, que gostaríamos de ver aumentada e reforçada com elementos mais jovens, o balanço é muito positivo. Se assim não fosse, já teríamos assumido outras estratégias.

De facto, embora nem sempre como desejaríamos, temos consciência da efectiva contribuição que temos vindo a dar ao sector dos museus/sociedade, a vários níveis, e sentimos muito orgulho por isso. Tem sido gratificante constatar como a nossa dedicação e a forma de perspectivar a formação dos profissionais de museus ou aspirantes a, estimulando a inclusão, a diversidade, a humildade e a generosidade científica, o trabalho colaborativo, interdisciplinar e em rede, o espírito crítico e criativo, a curiosidade, a investigação, o rigor, a experimentação e a actividade prática, a resolução de problemas concretos, o vivenciar de experiências à escala (inter)nacional, a partilha, a resiliência, a busca pela felicidade, enfim, como temos conseguido potenciar e gerar conhecimento e ser agen-

tes de transformação de pessoas e, através delas, de políticas e práticas de instituições pelo país, estimulando e alavancando desenvolvimento.

Foi ainda muito gratificante, após um processo de avaliação externa pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), em 2013, conseguir a acreditação, sem condições, do actual curso de mestrado em Museologia.

De facto, com o tempo, as relações à escala (inter)nacional entre universidades/áreas científicas/cursos/investigadores/docentes/estudantes e instituições culturais/museus/profissionais foram crescendo, diversificando-se, fortalecendo-se e aprimorando uma comunidade de prática, cujo consolidado desenvolvimento continuamos a fomentar.

AC – A formação em Museologia não tem sido estática ao longo dos anos. Que aspectos têm mudado mais?

PMH – Ao nível do formato, têm-se registado mudanças, sempre no sentido evolutivo da tentativa de adaptação a novas realidades, tendencialmente em maior harmonia com contextos de mais justa e ágil mobilidade, quer ao nível académico, quer profissional. A pós-graduação, como tal, teve cinco edições até 2004, a par com o desenvolvimento da área da Museologia ao nível do doutoramento, em regime tutorial. De 2005 a 2009, o formato assumido foi o de curso integrado de estudos pós-graduados em Museologia, com uma especialização (um ano), um mestrado (dois anos) e um doutoramento (cinco anos). Foi a partir de 2009 que o mestrado (Deliberação 2978/2009; Diário da República, II Série, N.º 210, de 29 de Outubro de 2009) e o doutoramento (Deliberação 3242/2009; Diário da República – II Série, N.º 235, de 4 de Dezembro de 2009) se autonomizaram. Este último, em parceria com a Faculdade de Belas-Artes, também da Universidade do Porto.

Em 2016 foi criado o doutoramento em Estudos do Património (Despacho Reitoral N.º 4723; Diário da República, II Série, N.º 67, de 6 de Abril de 2016), que se estrutura a partir dos doutoramentos em Arqueologia, História da Arte Portuguesa e Museologia, descontinuando-os e assumindo as áreas como de especialidade.

No que diz respeito ao mestrado, actualmente, o período de formação é de dois anos (total de ciclo), o regime de abertura para candidaturas ao primeiro ano é bianual e o funcionamento é diurno e intensivo (mantém-se às segundas e terças-feiras). Em 2013, no âmbito do processo de avaliação externa, que já referi, a equipa considerou oportuno evoluir não para um novo formato, mas para uma outra estrutura de curso, que foi aprovada e é a que está em vigor. Passado o tempo regulamentado, estamos novamente em fase de avaliação externa e de exercício de reflexão quanto à oportunidade e à melhor forma de introduzir alterações, não deixando de atender às nossas dificuldades no que diz respeito a contratações.

Esta evolução foi sendo sempre acompanhada de uma perspectiva de identificar, o mais cedo e claramente possível, as necessidades da sociedade, do sector, dos profissionais, isto é, de antecipar, estimular e de fazer face a diferentes desafios. Identificámos áreas-âncora, como as relacionadas com a epistemologia da própria Museologia, colecções, conservação (preventiva), comunicação, arquitectura, educação e gestão, nunca deixando de considerar as tecnologias digitais, de abordagem transversal. A ideia da oferta de diversas unidades curriculares de opção acabou por definir um pouco, sendo o seu número substancialmente menor em relação ao pretendido, devido aos constrangimentos de contratação de pessoal docente. Actualmente, para além dos estudantes serem livres de escolher qualquer unidade curricular da Universidade do Porto, as oferecidas pela equipa limitam-se a identidades e representações, e a museus e centros de arte contemporânea.

Apesar da relativa estabilidade das designações das unidades curriculares, as abordagens e metodologias educativas foram, naturalmente, actualizando-se, quer do ponto de vista da evolução dos conceitos e do conhecimento, quer das dinâmicas dos contextos museológicos e características dos estudantes.

AC – Quais são hoje as principais expectativas dos alunos quando chegam ao curso de Museologia? Identificas diferenças em relação ao que esperavam os alunos dos primeiros cursos?

PMH – Os objectivos gerais do curso estão bem definidos e centram-se na promoção e desenvolvimento de competências para investigar e desenvolver uma actividade profissional no contexto dos museus, de forma global. Por isso, quando nos chegam, os candidatos sabem o que procuram e o que o curso potencialmente lhes pode proporcionar. Relativamente às primeiras turmas, os estudantes de hoje são bem mais jovens, na sua maioria acabados de sair de um primeiro ciclo e, por isso, ainda com hábitos de trabalho académico. Para eles é mais fácil apre(e)nder algumas metodologias, mas são muito, quando não totalmente, inexperientes quanto à actividade em contexto museal. Por vezes trazem referências de colegas mais velhos que lhes passam a experiência no curso e o seu carácter esforçadamente teórico-prático. Chegam já com a perspectiva de desenvolver um estágio, no segundo ano, e não tanto uma dissertação, por exemplo. Consideram-no como uma via para alcançar um campo em que gostariam de ganhar experiência, trabalhar e onde seriam felizes. Noutros casos, tipicamente de mais velhos, surgem-lhes oportunidades de trabalho em contextos museológicos, até de responsabilidade, e buscam uma forma de se equiparem de competências, no sentido de garantirem um melhor desempenho.

O elemento em comum entre todos os estudantes será a paixão pelos museus. A grande diferença é que os dos primeiros cursos eram já, na esmagadora maioria, profissionais de museus, bem mais velhos e experientes. Vinham com grande conhecimento quanto ao contexto museológico de proveniência e com problemas a resolver, normalmente, bem identificados. Com o seu ritmo de actividade prática buscavam, preferencialmente, soluções práticas para tais problemas. O interessante é que, com a formação, passavam a tomar consciência de muitos outros, que nem imaginavam. De início, alguns estranhavam algumas perspectivas, mas depois entranhavam-nas. O esforço pelo alargar de horizontes sempre foi e continua a ser grande.

AC – Que competências procuram hoje estimular nos alunos?
Há necessidade de explorar novas competências?

PMH – Desde o início que, para além do desenvolvimento de competências científicas e técnicas inerentes às diferentes actividades, procuramos estimular também as mais relacionadas com a inteligência emocional, social e comportamental, como ética e deontologia, motivação e pro-acção, pensamento crítico e criativo, trabalho em equipa e em rede, capacidade para tomar, suportar e comunicar decisões, e investigar e resolver problemas, autónoma ou integradamente, organizando e liderando equipas. As competências associadas à literacia digital e informacional são, claro, muito importantes para nós, no sentido de preparar para uma mais fácil aprendizagem ao longo da vida e penso que será necessário explorá-las de forma mais profunda e sistemática.

AC – A necessidade de qualificar ou actualizar os profissionais de museus/estudantes no âmbito das competências digitais para melhor responder aos desafios do mundo digital e das tecnolo-

gias pode ser considerado um desafio também para a formação formal. Até que ponto estão incorporadas estas preocupações na formação da Universidade do Porto? Há outros passos a dar nesta matéria?

PMH – Sem dúvida. Essas preocupações acompanham-nos desde o início, em 1992, numa perspectiva interdisciplinar. Na altura, a disciplina chamava-se “Informática Aplicada”, mas logo a partir da segunda edição (1996-1998) assumiu a designação de “Tecnologias da Informação”, evoluindo para “Novas Tecnologias”, a partir de 2004, e para a actual “Tecnologias da Informação e Comunicação em Museus”, a partir de 2009.

A evolução nesta área é grande e muito rápida e temos consciência da necessidade de reforçar a formação dos profissionais sob pena de não conseguirem lidar com os desafios da era digital. Temos também consciência da importância e necessidade de se facultar o acesso à formação, suprimindo distâncias com o menor esforço possível, fomentando as competências individuais de gestão de tempo e a formação ao longo da vida. As plataformas digitais, a formação *online* e a formação não-formal e informal validada encaixam no perfil de infraestruturas que poderão permitir atingir tais objectivos. Nesse sentido abraçámos com grande motivação e expectativa o projecto [Mu.SA](#) – *Museum Sector Alliance* (2016-2019) financiado no âmbito do programa Erasmus + e coordenado pela Hellenic Open University (Grécia). O foco incide mais detalhadamente em alguns perfis profissionais que antecipamos e vemos emergir e suas competências essenciais. Para ir ao encontro dos diferentes interesses, a formação considera um curso de oito semanas em formato MOOC, isto é, online, aberto e massivo, para introdução às competências básicas, digitais e transferíveis, e, em sequência, um curso de especialização de seis meses, em que se integram as componentes do ensino à distância, presencial e em contexto de trabalho.

AC – Que tensões verificas hoje no modelo profissional dos “conservadores”. Outras designações têm vindo a ser apropriadas, como “curador” ou “museólogo”. Que perfil imaginas hoje para o profissional de museu?

PMH – É uma questão que daria para uma abordagem bastante extensa. De forma breve, penso que não havendo cursos de conservador de museus, não fará muito sentido continuar a assumir a designação. Se a formação que evoluiu é em Museologia, então, quem a possui, é museólogo. A designação para o profissional que assume as mesmas funções nucleares deverá também evoluir, em conformidade com a formação.

O facto de um arqueólogo, ou um biólogo ou outro profissional investigar colecções num museu, por exemplo, e contribuir para a ciência não fará dele um museólogo. Não tem a formação especializada, que, em meu entender, deve exigir-se, nem pode exercer as mesmas funções, embora haja áreas de convergência e crucial articulação, e possa ser considerado um profissional de museu. Mas continuará a ser um arqueólogo, biólogo ou...

Portanto, quanto ao perfil do profissional de museu, e considerando o carácter inclusivo do contexto, temos mesmo de falar no plural. Tenho pena de não ter assistido ao encontro [*Qu'est-ce qu'être, Aujourd'hui, un «Professionnel de Musée» en Europe?*](#) (Paris, 5 de Junho 2018) organizado pelo ICOM Europa, ICOM França e com o apoio do ICTOP (Comité Internacional do ICOM para a Formação de Pessoal) sobre esta questão. A reflexão conjunta faz-nos falta e há que actualizar e rever, considerando os perfis que vão emergindo, muito alavancados pelas tecnologias digitais, e perspectivando, o mais possível, os que o futuro suscitará. Embora considere que a discussão não se terá esgotado na reunião de Paris, estou ansiosa por saber a que conclusões terão chegado os colegas. Talvez o ICTOP possa abrir um fórum de discussão e ter as perspectivas dos que se interessam.

AC – Entre a formação e a investigação sobre Museologia nas universidades e o mundo da prática ainda identificas distanciamentos? De que forma poderiam esses distanciamentos ser ultrapassados?

PMH – Sim, ainda identifico, embora reconheça também substanciais melhorias, com resultados mais equilibrados entre ambas as componentes. É neste equilíbrio que acredito e pelo qual me tenho debatido.

Considero que os distanciamentos que subsistem podem ir sendo ultrapassados através de metodologias e dinâmicas educativas direccionadas e comprometidas. É claro que estas só podem ser delineadas e implementadas se as políticas educativas e as políticas culturais se articularem e suportarem a existência de recursos. A vontade e o empenhamento existem. Tem de haver investimento em recursos, tanto humanos como materiais, da parte quer das universidades, quer dos museus. No global, uma sólida aposta em infraestruturas de investigação/experimentação/validação/implementação, no desenvolvimento de protocolos de colaboração e em projectos integradores.

AC – No âmbito da formação, como têm superado a separação que muitas vezes se sente no terreno entre a teoria e a prática?

PMH – Desde o início que tentamos essa superação. Adoptámos um modelo que implica que os estudantes desenvolvam os seus trabalhos em contexto real de museu. Logo desde as primeiras aulas, os estudantes são convidados/auxiliados a escolher uma instituição onde gostariam de trabalhar, articulando os objectivos definidos para cada unidade curricular, numa lógica de integração de perspectivas e de evitar a construção de falsas e redutoras compartimentações. Uma vez no museu, a opção por de-

terminada colecção/objecto estimula a investigação, que extravasa o espaço do museu para territórios de diferente escala, e as múltiplas e transversais abordagens, devidamente articuladas mas, em simultâneo, autonomizadas no sentido de se constituírem os diferentes elementos de avaliação requeridos às unidades. Esta lógica, para além da visão de conjunto de acções/interacções/sobreposições, fomenta ainda a gestão de tempo e de esforços, evitando/minimizando perdas com dispersão e pulverização dos estudantes por contextos e assuntos desconexos. No caso dos estudantes que são já profissionais em museus, é esse o contexto que, logicamente, é potenciado. Em qualquer dos casos, sempre objectivando-se contribuir para a resolução de problemas.

Os museus são assumidos, o mais possível, como contexto de desenvolvimento de aulas de diferente tipologia, com aulas teórico-práticas, trabalho de campo e práticas laboratoriais, na medida em que são também vistos como laboratórios em si mesmos. Não obstante esta perspectiva, a FLUP equipou-se de infraestrutura laboratorial apetrechada de equipamento científico, onde outro tipo de aulas teórico-práticas e práticas laboratoriais são desenvolvidas, especialmente as relacionadas com a área da gestão de risco/conservação preventiva. É uma infraestrutura que mantém relações de sinergia com outras, complementares, dentro e fora da Universidade do Porto.

A comunidade de prática, especialmente por via da organização de visitas de estudo e reuniões científicas de diferente tipologia, é o contexto privilegiado de reflexão conjunta e debate de ideias e experiências, de partilha e questionamento do saber, do saber como e do saber fazer, para (in)validar e fazer progredir o saber, enfim, evoluindo na potenciação e construção de conhecimento. É também grande o esforço pelo garante do acesso à informação e ao conhecimento produzido, e partilhado através de publicações, e há que realçar a biblioteca que tem sido constituída,

actualmente exponenciada por via das publicações e das bases de dados digitais.

Uma oportunidade de maior aprofundamento e consolidação da integração no mundo real dos museus ocorre também no segundo ano, principalmente com o desenvolvimento de estágios (de 400 horas) e de projectos. Mesmo que os estudantes optem pela alternativa de uma dissertação, têm de explorar casos de estudo concretos. Também nesta fase do curso, qualquer das três alternativas exige uma abordagem equilibrada entre a componente teórica e a prática.

AC – Como observas a oferta excessiva (será mesmo excessiva?) de cursos de mestrado no país, em confronto com a fraca empregabilidade nesta área (a admissão nos museus por concurso público é praticamente inexistente, deixando de fora novas gerações). Como podemos conjugar estas duas dimensões?

PMH – O número de cursos já foi bem maior e excessivo, sim, se pensarmos que em 2010-2011, no auge da oferta, havia 12 cursos a abrir candidaturas na área, alguns a formar profissionais todos os anos e desde a década de 1990. Actualmente há cerca de metade.

Embora as universidades não devessem ser condicionadas a modas e a contingências de mercado de trabalho, a realidade é que o são. Do ponto de vista da gestão de expectativas e da sustentabilidade, no seu largo espectro, não tenho hesitações em considerar que é importante conjugar as duas dimensões. Conhecer a realidade e dinâmica do contexto-alvo é crucial e concordo que atender ao número de cursos e de vagas será importante, tal como adequar a oferta formativa. Formar não para a ilusão, mas para o esforço da concretização do sonho. Para isso, tal como houve um abanão no sector da educação, no sentido da contenção da oferta, devia haver um abanão no sector cultural no sentido de uma política de

dignificação dos profissionais dos museus, de equilíbrio de recursos humanos e de diminuição da sua precariedade. Infelizmente, o drama da fraca empregabilidade é transversal a várias áreas, com especial incidência no sector público e a que a educação e as universidades não são imunes, mas sabemos todos como a da cultura é sempre uma das mais sacrificadas, especialmente quando em enquadramentos de crise. A cultura não é perspectivada como potencial motor de desenvolvimento transversal. Não é assumida nem incorporada como tal no tecido organizacional da sociedade. É uma questão de (des)educação e muitos passos há a dar para que se venha a resolver.

Portanto, a (re)estruturação da oferta poderá ser factor de diferenciação entre a desilusão/desistência e a resiliência/alcance de objectivos, pela qualidade das competências.

Por isso, também não hesito em sublinhar a importância da formação do desenvolvimento de competências, para além das científicas e técnicas, como as emocionais, sociais e comportamentais, que já fui mencionando. Pensar não apenas para a escala nacional, mas para o mundo. Capacidade e pró-acção e resiliência poderão enraizar, de forma resistente mas flexível, uma dinâmica privada criativa, inclusiva e multifacetada do ponto de vista da gestão, e científica e tecnicamente robusta, mesmo que jovem. Temos alguns exemplos corajosos disso. Mas as políticas sociais e económicas devem estar em harmoniosa articulação, pois o desenvolvimento da actividade privada necessita de incentivos e apoios, especialmente em fase inicial. Não é fácil e, para muitos jovens, é ainda assustadora. Mas acredito que pode ser um órgão de colaboração/prestação de serviços, uma estrutura mais leve e ágil que contribua para a dinâmica e estímulo do sector e evolua com o seu desenvolvimento, numa relação sinérgica de ganho-ganho. Neste contexto, há que articular melhor e potenciar mais a existência de algumas unidades que existem nas universidades ligadas ao empreendedorismo e à incubação de empresas. O pro-

blema é que na área das humanidades e ciências sociais não há hábitos de empreendedorismo e de criação do próprio posto de trabalho, e é importante que a formação contribua também para a ajustada alteração dessa perspectiva.

Para além dessa vertente, há que formar para a criação/aproveitamento de oportunidades. Considerar os múltiplos museus que pulularam pelo país. O número é avultado e, em muitos casos, a designação é abusiva. Não os reconheço como tal. Mas reconheço-lhes potencial de mudança, de integração de uns profissionais e de valorização de outros. Essas unidades, tendencialmente de pequena escala, dentro e fora do sector público, que nalguns casos não são mais que salas de exposições, podem ser aproveitadas como locais onde/para os quais se desenvolvem projectos, numa lógica de transformação de mentalidades e, em sequência, de materialidades. Não são processos rápidos, mas, muitas vezes, têm resultados evolutivos e felizes, conduzindo à melhoria da estrutura do equipamento cultural e à contratação de profissionais habilitados. Para além disso, esses mesmos contextos podem conduzir à consciência, da parte dos profissionais que já neles trabalham e das suas lideranças, da necessidade de formação específica na área da Museologia, o que poderá ser ainda mais interessante para os cursos.

Formar para a perspectiva de longo prazo, não deixando de planear o médio e de aproveitar o curto. Na pior das hipóteses, não há como não pensar na natureza e nas suas leis implacáveis. Nada dura imutável para sempre, nem os bons nem os maus tempos. As equipas não poderão ser as mesmas para sempre. A renovação de gerações terá forçosamente que acontecer. É uma inevitabilidade, sob pena de encerramento das infraestruturas e do colapso do sistema, em que, muito sinceramente, não acredito.

Não obstante, o facto é que qualquer das gerações em causa, tipicamente em tempos de crise, é penalizada: uma porque não encontra forma de ser

feliz ao ver as equipas alargadas e o trabalho melhor distribuído, evitando níveis de exaustão castradores de criatividade e de evolução; a outra, porque não encontra oportunidades de trabalhar com estabilidade e ser feliz. Cabe aos museus debaterem-se por forma a contrariar a sua situação. Cabe às universidades formar para a coragem e a capacidade de enfrentar e superar os desafios e as adversidades. Caberá a ambos aliar esforços, até porque muitos personagens actuam em ambos os cenários.

AC – Com o processo de Bolonha, alguns cursos de Museologia, antes com abertura de dois em dois anos, passaram a estar abertos todos os anos. Como observas este impacto? Poderiam haver neste contexto alternativas?

PMH – Com apreensão e receio pela sustentabilidade da formação, na lógica da questão anterior. São muitos os profissionais a sair para o mercado de trabalho e não há política cultural, articulada com as outras, que facilite a sua legítima integração e quando esta acontece, quase sempre não é de forma digna, constituindo-se um completo desrespeito pelo investimento conjunto nacional na formação dos profissionais, um insulto à sua dignidade e uma amputação dos direitos dos cidadãos a ter oferta de serviços culturais com profissionalismo e qualidade.

O curso de mestrado em Museologia da FLUP tem-se posicionado como alternativa, pois funciona em regime de abertura a candidaturas ao primeiro ano apenas de dois em dois anos. O modelo vem desde a pós-graduação que lhe deu origem, conforme já disse. Claro que todas as decisões têm consequências e, do ponto de vista estatístico e de avaliação, os números nem sempre são a favor, pois temos menos alunos a sair com o grau e, em relação directa, menos contributos científicos em termos de trabalhos finais de curso. Para além disso, ainda somos confrontados com o argumento de que não há distribuição de serviço que justifique a

contratação de docentes que não apenas em regime de contrato de curta duração, para suprir necessidades em algumas áreas curriculares do primeiro ano. Não se enquadrando na lógica de funcionamento-padrão, há situações em que são necessários ajustes e sistemas de gestão muito rígidos e padronizados, que nem sempre o permitem da forma como gostaríamos. A experiência diz-nos ainda que também perdemos estudantes, pois, no ano em que não abrimos, alguns candidatam-se a outros cursos congéneres. Portanto, a pressão das universidades para a abertura anual é grande, mais directa ou indirectamente.

Não obstante, temos tido sempre a felicidade de atrair estudantes e, atendendo às dimensões em apreciação, a equipa considera que é um modelo que tende a um maior equilíbrio, privilegiando a qualidade em sacrifício da quantidade.

AC – Nos últimos anos, a crise no contexto das universidades também levou à reformulação dos cursos e dos seus programas, seja ao nível de mestrado como de doutoramento, muitas vezes visando cortes cegos de cima para baixo. Como tens observado esta questão? Que impacto tem sido este?

PMH – Quando os cortes são racionais e fundamentados em critérios discutidos, acordados e irrefutáveis de qualidade dos resultados globais dos cursos, vejo com alguma naturalidade e sensatez. Quando a decisão assenta apenas numa lógica de redução cega de despesas, especialmente com pessoal, então encaro com preocupação e indignação, embora mantenha espírito positivo e tente perspectivar como contexto de oportunidade para pensar e agir diferente e evoluir.

Ao nível da área disciplinar, espero que não tenha efeitos na formação especializada dos profissionais de museus. Acredito que não terá.

Ao nível material, especialmente os mestrados, têm sofrido sérias limitações às despesas e isso tende a situações de potenciação de recursos da casa, à endogamia e perda de visão crítica externa, o que é altamente negativo e há que contrariar o mais possível.

Ao nível dos recursos humanos, o estrangulamento do pessoal docente é grande. Tende a matar-lhes a motivação e a exaurir-lhes a energia, até para se debaterem contra a situação. É facto que a necessidade obriga a aguçar o engenho na busca de soluções que permitam ir dando resposta, na medida da qualidade que se pretende elevada, e há relações virtuosas de sinergia que se estabelecem, sem dúvida. Sou completamente a favor de um modelo de gestão que restringe ao máximo o desperdício, evitando autismo de recursos humanos, pulverização e multiplicação de esforços sem criação de valor. Mas sou contra a falta de visão quanto à necessidade de investimento de retorno seguro na contratação ajustada de pessoal. O equilíbrio entre investigação teórica aplicada e a prática que a estimula, (in)valida e faz progredir é cada vez mais frágil. Sem pessoal docente não há acompanhamento de qualidade de estudantes, nem em contexto de espaço universitário, nem em contexto de espaço museológico. O problema alastra-se ao pessoal não-docente, com conseqüente sobrecarga administrativa para os docentes. Não defendo contratações cegas, mas as instituições necessitam de pessoas. De pessoas de diferentes gerações, com estabilidade e força anímica que permitam uma visão e plano estratégicos de progresso.

AC – Que mudanças são expectáveis nos próximos anos com relação à formação pós-graduada em Museologia? O que era preciso mudar?

PMH – A sua dinâmica não será imune às políticas e dinâmicas culturais. A manter-se uma ausência de política de desenvolvimento, o definir do

sector arrastará o definhar da formação. Mas acredito que tal não acontecerá. Os cursos têm é de ter, também eles, capacidade de adaptação às mudanças. A era da informação ou a era digital obriga a isso e se querem verdadeiramente formar profissionais capazes de incorporar e evoluir com a mudança, têm de formar para o desenvolvimento das competências necessárias. Não quero, com isto, dizer que se formem para se substituírem a profissionais especializados em empresas prestadoras de serviços. Dado o carácter dos cursos, poderá haver estudantes que tenham já uma (pós)graduação prévia especializada e até será muito interessante que isso aconteça, mas serão situações de excepção. O mais importante será desenvolver competências para uma salutar autonomia essencial da instituição/profissional e a capacidade de diálogo com especialistas, com verdadeiro entendimento de todo um léxico complexo, em que haja a capacidade de definição do que se pretende e de discussão quanto às soluções propostas, para uma tomada de decisão fundamentada e consciente dos resultados. Não uma aceitação passiva por falta de conhecimento e de espírito crítico.

Há ainda que melhorar a democratização do acesso à formação. Não se aprende com os erros das decisões históricas e continuamos com políticas de macrocefalia e esvaziamento do interior. É nítida e até escandalosa a concentração dos cursos na linha de costa. O esforço que os estudantes/profissionais do interior e respectivas famílias fazem para deslocações, logística e manutenção longe de casa é mesmo muito grande. Isso é factor de inibição de progressão para uma formação de segundo ciclo ou mesmo de abandono, especialmente quando os pedidos de bolsas não são atendidos. Haveria interesse em modelos de formações de carácter misto, conjugando componentes presenciais, cruciais, e outras mais à distância.

Conferências: balanços

Museologia e Arquitectura: Que Relação para o Futuro?

Workshop ICAMT

Aida Rechená, museóloga

Manuel Furtado Mendes, museólogo



Entre os dias 29 e 31 de Janeiro decorreu, em Lisboa, o Workshop *Arquitectura e Técnicas Museográficas*, uma parceria entre o [ICAMT](#) (Comité Internacional do ICOM para a Arquitectura e Técnicas Museográficas) e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que acolheu este encontro internacional. A iniciativa contou também com o apoio do ICOM Portugal. O Workshop procurou reflectir sobre o papel da arquitectura nas técnicas museográficas em museus, o papel dos museus comunitários no século XXI e das energias renováveis na sustentabilidade dos museus.

O ICAMT tem como missão trocar experiências e conhecimentos especializados sobre arquitectura de museus, técnicas de exposição, planeamento, design de exposições e construção de edifícios de museus.

No Workshop participaram 18 conferencistas de dez países (Bélgica, Brasil, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Noruega e Portugal), representando uma grande diversidade de abordagens (cf. [programa](#)). Além disso, revelou as potencialidades e a relevância do tema para a museologia e para a arquitectura.

O futuro da relação entre a arquitectura e os museus, incluindo os museus comunitários, o papel dos museus como agentes de inovação e de transformação, a contaminação da acção dos museus tradicionais pela museologia social, o papel do/a arquitecto/a como ferramenta para uma comunicação estratégica do museu e a responsabilidade ambiental dos museus, foram alguns dos grandes temas abordados pelos/as conferencistas participantes.

Das visitas técnicas realizadas ao Museu Nacional dos Coches (Lisboa), ao Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal) e ao Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia – MAAT (Lisboa), e dos trabalhos de discussão em grupo, retirámos deste encontro algumas ideias estruturantes, para as quais é urgente o seu desenvolvimento e aplicação, designadamente: a necessidade de um maior diálogo entre arquitectos/as e museólogos/as no momento de planear os museus; os projectos arquitectónicos dos museus não devem ser elaborados sem que esteja pronto o programa museológico prévio; a necessidade da arquitectura pensar soluções de baixo custo e sustentáveis para os museus comunitários e outros de pequena ou média dimensão; o desafio de fazer uma releitura arquitectónica e no âmbito das técnicas museográficas dos edifícios de museus ditos tradicionais; a adopção da transdisciplinaridade como metodologia benéfica para a museologia e para os museus; que os museus têm de aprender a conviver com as incertezas do mundo contemporâneo; e a necessidade

de encontrar opções arquitectónicas para os museus que trabalham com conceitos museológicos que saem do âmbito tradicional, nomeadamente soluções arquitectónicas para os museus comunitários.

Podemos organizar as propostas emanadas deste Workshop em torno de cinco áreas. A primeira, que foi consensual, diz respeito à preocupação com a sobrevalorização da arquitectura e dos/as arquitectos/as nos projectos de edifícios de museus, deixando a componente museológica em segundo plano. Neste contexto, apelou-se para o bom senso e para o diálogo.

Uma segunda proposta diz respeito à formação dos profissionais de museus, tendo sido evidenciado que a qualidade do desempenho dos museus depende da qualificação dos recursos humanos. Foi, por isso, lançado o desafio ao ICAMT para promover um encontro conjunto com outros comités do ICOM para debater este tema.

Uma terceira proposta é relativa ao papel que os pequenos museus (comunitários ou não) desempenham no século XXI, destacando-se que a participação da sociedade, a interacção com os públicos, as acessibilidades e a sustentabilidade são vertentes que estes museus abordam com maior facilidade do que os grandes museus institucionais.

A quarta proposta diz respeito à disseminação da museologia social pelos museus ditos tradicionais, dado que se verifica já uma saudável e desejada contaminação desses museus pela museologia social de uma forma suave mas persistente.

Uma quinta e última proposta relaciona-se com a sustentabilidade energética e ambiental. Propôs-se que os museus assumam um papel de liderança e uma dimensão pedagógica como disseminadores de boas práticas nesta matéria.

Comunicar em Museus, das Ferramentas às Competências

Projecto Mu.SA – Museum Sector Alliance

Susana Medina, museóloga



A comunicação é uma competência nuclear para os profissionais de museus. Os museus são, por natureza, entidades que comunicam com os mais variados propósitos: apresentam a instituição e as colecções, promovem a oferta cultural e estabelecem relações de proximidade com públicos diversos. Enquanto actores de processos de comunicação, os museus desempenham, ainda, o papel de transmissores de informação e de mediadores entre produtores de conhecimento e a esfera pública.

O acto de comunicar em museus opera-se, cada vez mais, no ambiente digital. Isso implica que os profissionais de museus compreendam e dominem uma enorme variedade de ferramentas, entendam as dinâmicas próprias deste meio e actualizem ou adquiram competências digitais, ali-

adas a competências transferíveis (ex. *soft skills*) essenciais a uma comunicação eficiente e eficaz.

Enquanto parceira do projecto [Mu.SA](#) – *Museum Sector Alliance* (2016-2019)³, a Universidade do Porto (UP), através do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras/Mestrado em Museologia, promoveu no passado dia 20 de Fevereiro o seminário *Comunicar. Aliando Sectores, Potenciando Ferramentas e Promovendo Competências em Museus*. Com este seminário, co-organizado com o ICOM Portugal, proporcionou-se a partilha de estratégias de comunicação entre profissionais e académicos de vários sectores, com potencial aplicação no sector cultural e, em particular, no contexto dos museus (cf. [programa](#)).

Posicionar as instituições culturais na esfera pública implica a construção de uma relação de confiança que, como ficou demonstrado pelas intervenções de Ana Corte-Real (Universidade Católica Portuguesa) e de Vasco Ribeiro (UP), requer uma acção especializada dos agentes da comunicação. Foi respectivamente abordado o uso das técnicas de marketing em prol da maximização da experiência proporcionada aos visitantes e da imagem dos serviços prestados pelo sector cultural, bem como o papel que as fontes de informação podem ter no processo produtivo de notícias, um processo de construção assente numa relação de colaboração entre instituições e profissionais da comunicação social que se pretende positiva. Esta última intervenção foi complementada com o testemunho de Cândida C. Monteiro (Casa da Música), com uma apresentação dedicada ao processo que antecede a publicação da notícia.

Sobre a comunicação da ciência, que representa um campo especializado, Júlio Borlido Santos (i3S - Instituto de Investigação e Inovação em Saúde) destacou a sua relevância no processo de aproximação entre investi-

³ O projecto Mu.SA (575907-EEP-1-2016-1-EL-EPPKA2-SSA) é financiado pela Comissão Europeia através do programa Erasmus + (*Sector Skills Alliance*). Tem como objectivo criar ferramentas de formação (à distância e presenciais) para dotar os profissionais de museus com as competências necessárias para enfrentar os desafios da tecnologia e do mundo digital. <http://www.project-musa.eu>.

gadores e cidadãos. Mais do que uma ferramenta, a comunicação de ciência deve estar alinhada com as políticas de promoção da cultura científica, motivando a sociedade para as questões científico-técnicas e apoiando a participação pública. Criar “cenários e narrativas” que estimulem a reflexão e o debate sobre ciência é o caminho a seguir para melhorar a comunicação entre os cientistas, os meios de comunicação e os públicos, no entender deste orador.

A utilização das tecnologias digitais ao serviço dos museus foi objecto de reflexão por parte de Luís Raposo (ICOM Europa). A intervenção «Os Museus e o Mundo Virtual: Amigos ou Inimigos?» pautou-se pela crítica à “d direcção alienante” que a excessiva apologia do digital pode assumir. Defendendo a perspectiva de uma “ideologia humanista e libertadora da condição humana” no contexto da missão museológica, Raposo não deixou de evidenciar a utilidade das tecnologias digitais, aplicadas não só à comunicação, mas também a todas as funções museológicas. No seu entender, há ainda a considerar o impacto do universo digital ao nível organizacional dos museus, uma vez que aquele pode potenciar “novos modelos de negócio” e novos serviços, em alternativa aos analógicos, que aproximem os museus de novos segmentos de mercado.

Com enfoque nesses novos serviços e produtos, António Coelho (UP) encerrou o programa partilhando casos de estudo sobre a ludificação da experiência museológica. Acompanhado nesta palestra por um grupo de investigadores, Coelho procurou demonstrar como a estratégia de jogo, na base da criação de experiências interactivas tecnologicamente mediadas, pode promover atitudes positivas em relação aos museus e suas colecções, particularmente junto do público jovem.

No âmbito do projecto Mu.SA, a comunicação é uma das competências transferíveis (*soft skills*) a ser incluída num programa de formação em formato de MOOC (*Massive Open Online Course*), a ser lançado em Outubro de 2018.

Museus Hiperconectados: O Caso das Casas-Museu

9.º Encontro Casas-Museu em Portugal

Ana Margarida Araújo Camacho, directora da Casa-Museu Frederico Freitas, Funchal



Entre 23 e 24 de Fevereiro decorreu, na Casa-Museu Frederico de Freitas (Funchal), o 9.º Encontro de Casas-Museu em Portugal. O evento juntou três oradores convidados que abordaram o tema do Dia Internacional dos Museus (2018): *Museus Hiperconectados: Novas Abordagens, Novos Públicos*, relacionando-o com as casas-museu. Rosanna Pavonni (antiga presidente do DEMHIST – Comité Internacional do ICOM para Museus em Casas Históricas), especialista no estudo, identificação e categorização das casas-museu, apresentou a comunicação: «*Not all Connections are Digital: Intergenerational Approach and House-museums*». Pavonni reconheceu que as hiperconexões, nomeadamente no âmbito das tecnologias de informação e de comunicação, constituem um manancial de oportunidades e de desafios, mas ressaltou a importância de estarmos

atentos ao carácter efémero destas ligações e ao facto de as experiências virtuais, por mais sofisticadas que sejam, ficarem aquém da experiência real directa. Em contrapartida, realçou o papel primordial das ligações humanas e de proximidade nas comunidades locais. Demonstrou como as casas-museu podem e devem ser recursos privilegiados para transpor barreiras geracionais e culturais nos locais onde se inserem. Explicou que as casas-museu geram aproximações múltiplas e enriquecedoras, através dos seus testemunhos, de natureza material e imaterial, reveladores de atmosferas, hábitos e vivências que traduzem formas de cultura. Afirmou que algumas das dificuldades que se colocam às actuais sociedades são de natureza intercultural e intergeracional, e sublinhou a prevalência de diferentes códigos de comunicação que, apesar de complementares, se mantêm em contínua progressão. Realçou, ainda, a necessidade de se encontrarem pontos comuns, conexões, e como a memória assume claramente esse objectivo. Nesse sentido, trabalhar a memória pressupõe partir do individual para o colectivo, sendo esse um desafio aliciante para as casas-museu como lugares por excelência de memória ligados ao acto de habitar.

Teresa Pais, directora do Museu Quinta das Cruzes (Funchal), apresentou o projecto – “Portal Online dos Museus da Madeira: Catálogo Colectivo de Bens Culturais”. A iniciativa, promovida pelo Governo Regional da Madeira, visa disponibilizar o património móvel, imóvel e imaterial dos museus que tutela: Casa-Museu Frederico de Freitas, Museu Quinta das Cruzes, Museu Etnográfico da Madeira e MUDAS – Museu de Arte Contemporânea da Madeira. A plataforma é alimentada pelos dados do programa *Matriz 3.0*, e permite a pesquisa das colecções de cada instituição. Tem como objectivo responder às exigências de maior acesso ao património e respectivos conteúdos digitais, visando um público mais alargado. Inicialmente em português, a plataforma incluirá, futuramente, conteúdos em inglês.

António Ponte, director Regional da Cultura do Norte, apresentou a comunicação: «Casas-Museu: Locais onde o Património Material e Imaterial Confluem numa Comunicação Orquestrada». Nesta comunicação foi reforçada a importância do imaterial na abordagem das casas-museu, ilustrando que ao preservar ambientes e vivências é musealizado o quotidiano dessas casas, num tempo determinado. Torna-se, assim, possível associar saberes, tradições, gostos, hábitos e rituais reveladores de condições económicas e sociais que condicionaram atitudes e comportamentos. As casas-museu são um todo constituído por elementos distintos e indissociáveis que reflectem a vivência de uma pessoa. À casa (espaço), ao indivíduo (memória) e à colecção (acervo), junta-se o factor determinante da vivência. São lugares onde a dimensão pública, relacionada com a memória colectiva, reflexo de uma época e um modo de vida, se cruza com a dimensão privada, reveladora do quotidiano doméstico e de uma personalidade.

O debate foi moderado por Maria de Jesus Monge, directora do Museu-Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa, contando com o contributo de vários participantes. Passada a fase de identificação e classificação das casas-museu, importa desenvolver os múltiplos recursos disponíveis. Sendo determinante a multiplicidade das vozes que aí se congregam, é preciso saber ouvi-las, interpretá-las e transmiti-las; sempre com o cuidado de preservar a essência original, o “espírito do lugar”, característica que, afinal, define e individualiza cada uma. Esta questão é decisiva quando o tempo, a sua passagem, constitui um verdadeiro repto, designadamente para as casas de personalidades. Torna-se, assim, fundamental, para além da perspectiva subjectiva e pessoal que dá origem à casa-museu, desenvolver uma visão mais lata e, não obstante a respectiva especificidade (escritor, coleccionador, arquitecto), enquadrá-la no panorama local, nacional e internacional.

Nota da ed.: Encontra também um resumo do Encontro no *website* do [ICOM Portugal](#).

Museus Hiperconectados: Novos Desafios e Perspectivas

Jornadas Primavera ICOM Portugal

Maria Miguel Lucas, arqueóloga, DGPC



No Palácio da Ajuda, a manhã do dia 5 de Março acusou um interesse generalizado pelas Jornadas de Primavera convocadas pelo ICOM Portugal (cf. [programa](#)) e pelo debate em torno da integração dos museus no quotidiano digital da actualidade *líquida*.

As Jornadas iniciaram com a apresentação de dois projectos internacionais. Primeiramente, o [Mu.SA](#) – *Museum Sector Alliance* (2016-2019)⁴, por Alexandre Matos e Ana Carvalho (moderação de Clara Frayão Camacho), seguido do projecto [EU-LAC](#) (2016-2020), por Mário Nuno Antas (moderação de Maria de Jesus Monge). Ambos focaram o potencial da aplicação das tecnologias de informação e comunicação nas práticas

⁴ O projecto Mu.SA (575907-EEP-1-2016-1-EL-EPPKA2-SSA) é financiado pela Comissão Europeia através do programa Erasmus + (*Sector Skills Alliance*).

museológicas e na adaptação aos novos paradigmas digitais, sublinhando a sua eficácia no alargamento das redes de contacto (virtuais e físicas) entre museus e públicos (congregando de forma eficaz, na média duração temporal e numa escala geográfica extensa, investigadores, gestores, profissionais de museus, públicos e comunidades *online* e *offline*). Tratando-se de projectos em desenvolvimento⁵, salienta-se a formulação de estratégias de acção e de comunicação específicas para a concretização dos objectivos gizados. Acresce a perspectiva da educação: a formação contínua dos profissionais de museus, contemplando a coesão e a inclusão social das comunidades com que trabalham. É de notar como estes projectos documentam situações de “individualismo em rede” ou “glocalização” emergentes do comportamento em rede assinaladas por Barry Wellmann ou Manuel Castells a propósito do estudo de comunidades hiperconectadas, comprovando a integração dos museus na “sociedade em rede”. O debate relevou preocupações relativamente à carência de formação profissional e contínua ao nível das competências digitais, além da necessidade de estratégias e tecnologias adequadas para ultrapassar as assimetrias notadas nas práticas museológicas. É neste âmbito que o projecto Mu.SA se propõe ajudar, através do repensar de novos perfis profissionais e instrumentos formativos.

Na mesa-redonda, Luís Raposo, Elsa Rodrigues, Joana Sousa Monteiro e José Gameiro (moderação de Dália Paulo) enunciaram algumas das formas contemporâneas de abordar o trabalho museológico no mundo hiperconectado, onde os museus querem continuar a ter lugar. As intervenções complementaram-se na caracterização do papel dos museus e das funções que a sociedade lhes foi atribuindo ao longo do tempo. De colecções exibidas como demonstração de poder e de estatuto social, os museus (virtuais ou físicos) propõe-se agora também coleccionar sentimentos, memórias e até “imaginários”, sejam eles as imagens de “ontem”

⁵ Vejam-se os últimos números do Boletim do ICOM Portugal, onde se incluem textos-síntese sobre o desenvolvimento destes projectos.

recolhidas no ciberespaço, o registo de paisagens culturais pejadas dos vestígios materiais de todos os tempos ou o das vivências “de hoje” que lhes mantêm a “aura”.

A actual sociedade da informação valoriza as opções museográficas subjacentes à apresentação de conhecimento e as experiências e emoções que a sua exibição proporciona, porque na adaptação ao imediatismo e à volatilidade pós-moderna, a mudança de paradigma coloca-se na forma como os museus perspectivam agora quem os visita, preocupando-se com as suas necessidades e opiniões. Estes “pós-museus” querem conhecer os seus públicos para além dos números da bilhética, construir com eles as suas narrativas e opções programáticas e não querem abdicar do papel a desempenhar na sua educação (informal e não formal) e na mediação cultural. Queixam-se invariavelmente das políticas culturais que os deveriam apoiar, geralmente acomodadas a um *status quo* em que perduram concepções tradicionais da *praxis* museológica.

De facto, a democratização do conhecimento não veio diminuir a relevância da função social dos museus na pós-modernidade, tendo suscitado um “retomar” da importância destas questões na comunidade museológica (cf. [Recomendação da UNESCO](#), 2015). Deverão os museus permanecer neutros no interior dos edifícios onde guardam, preservam e estudam as suas colecções e ignorar as questões que afectam o quotidiano dos seus públicos?

Mas estarão os museus portugueses capacitados a participar de forma activa e eficaz nesta sociedade, altamente hiperconectada? E, serão realmente, a ausência de investimento em tecnologias e a carência de estratégias digitais, o principal impedimento da adesão a novos modos do fazer museológico, contribuindo a par da transmissão do património, para a educação do pensamento crítico e para a mudança de mentalidades e comportamentos culturais?

Nota da ed.: No *website* do [ICOM Portugal](#) encontra um resumo adicional.

Competências para o Sector Cultural: Perspectivando os Desafios do [futuro] Digital

Conferência anual do projecto Mu.SA

Ana Carvalho, museóloga



A terceira conferência do projecto [Mu.SA](http://www.project-musa.eu) – *Museum Sector Alliance* (2016-2019)⁶ realizou-se no passado dia 18 de Abril de 2018, na Universidade do Porto (UP), organizadora do evento em colaboração com a Mapa das Ideias e com o ICOM Portugal, parceiros portugueses do projecto.

⁶ O projecto Mu.SA (575907-EFP-1-2016-1-EL-EPPKA2-SSA) é financiado pela Comissão Europeia através do programa Erasmus + (*Sector Skills Alliance*) e tem por base um consórcio de 12 parceiros de quatro países europeus (Bélgica, Grécia, Itália e Portugal), sendo coordenado pela Hellenic Open University (Grécia). Tem por objectivo criar ferramentas educativas com vista ao desenvolvimento das competências digitais dos profissionais de museus, através do ensino à distância, nomeadamente por via de um MOOC (*Massive Open Online Courses*) e de um curso de especialização (ambos em fase de concepção). <http://www.project-musa.eu>.

Com o título *+Digital Culture: Competences for the Cultural Sector*, a conferência reflectiu sobre competências e desenvolvimento profissional no contexto actual (e prospectivo) que se entende ser cada vez mais desafiante, nomeadamente na relação com o mundo digital. Neste quadro, três ordens de ideias foram interpeladas; 1) que desafios são estes que nos traz o mundo digital e que estratégias podem ser desenhadas pelos museus, e pelo sector cultural em geral, para acompanhar este desenvolvimento; 2) que perfis de profissionais e competências são expectáveis; e 3) qual pode ser o papel e contributo da formação.

O [programa](#) contemplou uma diversidade de contributos, repartindo-se em torno de três sessões moderadas, respectivamente, por Alice Semedo, Manuela Pinto e Paula Menino Homem da UP. Focaram-se experiências de museus, como foi o caso do Museu de Lamego (Luís Sebastian), mas também extra-museus, como a preservação digital em arquivos (Francisco Barbedo, Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas) e o tema da gamificação (Ricardo Queirós, UP).

Não pretendendo fazer uma síntese de todas as comunicações e tópicos discutidos (os resumos e os *power-points* estão disponíveis no [website](#)), destaco duas que me suscitaram maior interpelação de ideias pela estreita ligação com as conclusões alcançadas no projecto Mu.SA. Esse foi o caso da comunicação de Conxa Rodà ([Aptitudes and Attitudes to Surf the Digital Transformation](#)), que é actualmente responsável pela estratégia, inovação e transformação digital do Museu Nacional d'Art de Catalunya, em Barcelona. Sobre o alcance da desejável transformação digital dos museus, e de forma muito sintética: o quê?, para quem?, para quê? e como? continuam a ser perguntas fundamentais em qualquer estratégia, nomeadamente para o digital. Como notou Rodà, pressupõe investimento na formação das equipas (literacia digital) e, sobretudo, uma mudança organizacional que seja catalisadora de mudanças internas e de aceleração (novas formas de comunicação e de perfil multidireccional).

Outra comunicação que evidencio é a de Ana Alvarez (*[From Web Manager to Digital Curator](#)*), que a partir da sua própria trajectória profissional mostrou a evolução das tecnologias e dos desafios com que se confrontou ao longo dos últimos 26 anos. Ou seja, desde a sua primeira experiência de trabalho em 1992 no Museo Thyssen-Bornemisza, em Madrid, como assistente na recepção do museu – estávamos no tempo dos CD-ROM's, dos primeiros *websites* de museus, o início da digitalização de colecções... – até ao presente, momento em que Alvarez se encontra a gerir, no mesmo museu (depois de um interregno de largos anos), o *website* e os projectos digitais, e prepara uma nova estratégia digital (2018-2022). Daqui se destaca a evolução gradativa (e não-linear) de um profissional de museu em função da transformação do sector, e da procura, ao longo desse percurso individual, de formação especializada na área da Museologia e dos museus, mas também fora desse contexto, indo ao encontro de uma certa “customização” formativa (formal e não formal), alicerçada na identificação de necessidades.

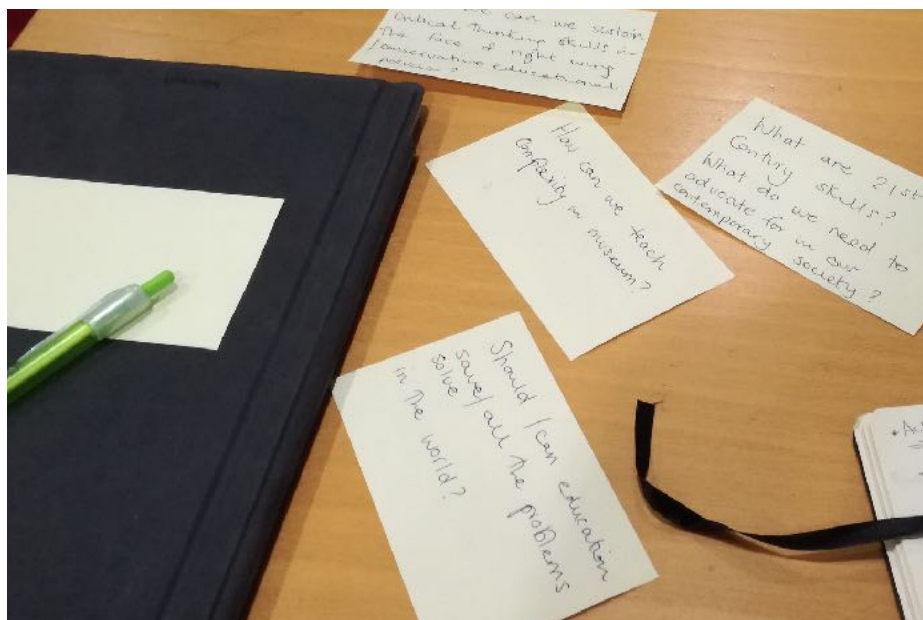
O programa encerrou com uma mesa-redonda sobre os quatro perfis identificados durante o projecto Mu.SA (Gestor da Estratégia Digital; Curador de Colecções Digitais; Promotor de Experiências Interactivas Digitais; e Gestor de Comunidades *Online*). Moderada por Panagiota Polymeropoulou, da Hellenic Open University (Grécia), a mesa-redonda contou com a participação de Conxa Rodà, Luís Sebastian, Francisco Barbedo, Ana Álvarez e Ricardo Queiroz (cf. gravação em [vídeo](#)).

Esta conferência permitiu não só aferir os resultados obtidos no projecto Mu.SA, como promover uma discussão mais alargada envolvendo especialistas externos, e favorecer o debate sobre temáticas interdependentes, como ficou patente em edições anteriores: *Re-designing Museums. Digital Skills for Change and Innovation* (Roma, 13 Jul. 2017) e *Digital Challenges for Museum Experts* (Atenas, 25 Nov. 2016).

Acção Cultural em Museus: O Que Significa?

Conferência regional do ICOM CECA

Ana Sofia Nunes, mediadora cultural



Nos dias 26 e 27 de Abril, realizou-se a Conferência regional do CECA (Comité Internacional do ICOM para a Educação e Acção Cultural) na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, com o tema *Cultural Action in Museums: What Does it Mean?* (cf. [programa](#)). A iniciativa contou com o apoio do ICOM Portugal.

Sendo o objectivo do encontro construir uma discussão sobre o conceito de acção cultural nos museus europeus e a sua correlação com a educação, o evento contou com a presença de membros de outros países, nomeadamente: Países Baixos, Croácia, Reino Unido, Alemanha e Espanha.

A conferência iniciou-se com as intervenções: «*UNESCO CHAIR: Education, Citizenship and Cultural Diversity*» por Mário Moutinho, Judite Primo e Pedro Pereira Leite (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias), e «*Museums as Cultural Hubs*» por Luís Raposo (ICOM Europa). Partindo da reflexão de que os museus não são “ilhas no espaço” mas instituições que devem considerar a vida fora das suas paredes, torna-se lógico que a sua acção deve integrar a formação cívica dos cidadãos e da comunidade envolvente. Mário Moutinho deu especial destaque à disciplina de Sociomuseologia, que tem sido uma grande aposta por parte daquela Universidade, na medida em que esta área do conhecimento promove uma prática museológica que envolve as populações. Nesse âmbito, a Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”, proporciona um programa de formação que trabalha conteúdos educativos e culturais, a inclusão de género, a sustentabilidade, a educação para a paz, a aceitação, sob a perspectiva da prática museológica.

Luís Raposo, por seu turno, fez-nos pensar no lado económico dos museus. De facto, com o aumento do turismo a nível global, os museus acabam por ser uma atracção turística que impulsiona a economia da sua área envolvente. Que lugar terá aqui a intervenção social? Para Raposo, os museus não devem ser vistos como a “solução de todos os males” pois existem outras estruturas que também têm um forte papel social (casas do povo, centros culturais...). Terá de ser criado um equilíbrio entre estes dois pólos tão importantes para os museus: por um lado, o valor económico enquanto “atracção” turística, por outro lado a acção cultural pensada para trabalhar com a comunidade local.

O workshop «*Cultural Action: What Does it Mean?*» com Arja van Veldhuizen (membro do CECA), proporcionou-nos a oportunidade de trabalhar em grupos e de discutir o vocabulário que habitualmente usamos na área da educação em museus. Foi curioso verificar que, por vezes, pretendemos dizer as mesmas coisas com palavras diferentes. Um

dos termos mais controversos é o de “mediação”. Se, por um lado, para alguns colegas é bastante claro que a mediação em museus é criar ligações e significados, para outros trata-se de um termo que é aplicado em situações conflituosas. E o que significa “acção cultural” nos nossos museus? Esta expressão, muito ligada à educação em museus, acaba por ser interpretada como o conjunto de actividades que são feitas: actividade, atelier, visita orientada, oficina. Deveríamos então designar estas acções por “actividades culturais”? Mas não terão estas actividades, também, um fundamento educacional, pedagógico?

Luísa Black (Conselho da Europa) e Miguel Feio (Instituto Piaget) fizeram, no segundo dia de encontro, a ligação com os trabalhos do dia anterior, através dos workshops «*A Dynamic Approach of Cultural Heritage*», e «*DiverCity (diversity and cities)*», respectivamente, onde foi pedido aos participantes que reflectissem acerca da forma como as histórias são contadas nas exposições e como podem os museus envolver as comunidades no seu trabalho. Qual a importância das narrativas no espaço expositivo? Haverá espaço para o pensamento crítico ou o estilo do discurso é imposto? Serão os processos de mediação neutros? Sob alguns pontos de vista diferentes, a verdade é que algumas conclusões unânimes podem ser retiradas: os museus são relevantes e cada vez mais têm conquistado o seu lugar nas discussões da contemporaneidade. Isto implica que os museus conheçam a sua cidade e a sua comunidade: quem a habita, quais as minorias, quais as possibilidades de estabelecer parcerias com outras entidades, como criar espaços para o debate fomentando o espírito crítico.

Uma reflexão final sobre estas questões será apresentada na Conferência Anual do CECA ([*Museums, Education and Cultural Action: Between Old and New Meanings*](#)), entre 24 a 27 de Setembro de 2018 (Tbilisi, Geórgia).

Inovação nos Museus Europeus

Conferência EMYA 2018

José Gameiro, presidente do júri do EMYA 2018



Há precisamente 41 anos, em 1977, Kenneth Hudson, John Letts e Richard Hoggart estiveram na origem da criação do prémio Museu Europeu do Ano (*European Museum of the Year Award – EMYA*), através da associação European Museum Forum (EMF).

De modo algum pretenderam que esta iniciativa fosse interpretada como sendo exclusivamente inglesa, tendo envolvido outros líderes culturais europeus, como Luis Monreal, então secretário-geral do ICOM, os quais desempenharam igualmente um papel activo de apoio e liderança.

Quatro décadas depois da sua fundação, o EMF/EMYA opera agora num mundo muito diferente. Desde então, a visão museológica europeia dos seus fundadores tem vindo a ser desafiada, entre outras, por diferentes realidades políticas, incluindo a migração massiva de refugiados, os nacionalismos e os populismos emergentes e nostálgicos, todas elas situações

que questionam e põem em causa alguns dos valores centrais e critérios dos museus candidatos ao EMYA e ao prémio Conselho da Europa, tais como a tolerância, a inclusão, o conhecimento, a promoção dos direitos humanos, a acessibilidade, os conceitos de cidadania e sustentabilidade.

Nesse sentido, a conferência que durante dois dias, antecede anualmente, a cerimónia de entrega dos prémios EMYA, constitui um palco privilegiado para o encontro dos mais recentes e diferentes museus europeus e uma das mais privilegiadas oportunidades para equacionar e reflectir a evolução e as dinâmicas associadas ao próprio conceito de museu.

Este ano, a 10 e 11 de Maio, no Museu Polin de Varsóvia (Polónia), teve lugar o EMYA 2018, o qual foi precedido da conferência *Inovação nos Museus Europeus*, que pela primeira vez na história do EMYA não se limitou a uma simples e sequencial apresentação individual dos candidatos, mas antes estruturada em torno de 12 painéis temáticos, permitindo, desse modo, aos 40 museus de 22 países europeus integrar pequenos grupos de reflexão próximos da sua tipologia e natureza museológica, e participar numa discussão mais alargada sobre os referidos temas e a sua interacção e impacte na actividade quotidiana dos museus (cf. [programa](#)).

Apesar de alguns temas mais tradicionais como museus de cidade, museus de transporte ou museus de arqueologia, os representantes dos museus presentes, acabaram por extravasar essa limitação e outros como «Narrativas e Histórias em Museus» ou «Museus e Comunidades» abordaram as funções culturais e sociais dos museus, revelando as suas actuais opções e perspectivas.

O tema «Museus, Galerias e Identidade Nacional» reunindo as Galerias Nacionais da Irlanda, o Museu do Tapete do Azerbaijão e o Museu Nacional da Estónia revelaria um outro lado mais criativo e renovado do conceito “nacional” versus “nacionalismo”.

«Museus e Política» que juntou o Museu da Infância de Guerra em Sarajevo, na Bósnia-Herzegovina, o Museu Lenine de Tampere, na Finlândia, o Museu da Revolução da Silésia, na Polónia, e o Hospital Abrigo Nuclear de Budapeste, na Hungria, acabariam por repensar a resposta a dar a quem considere que os museus devem evitar as questões políticas e controversas da história europeia.

Qual a relação entre o passado e o presente num museu? Será apenas um sentimento de nostalgia, contemplação ou os museus podem encorajar uma reflexão séria sobre mudanças? O que acontece se a comunidade não estiver unida na sua visão do passado? Qual o papel de um museu nacional no século XXI? Como podem os museus de cidade envolver novos cidadãos, migrantes, refugiados e os sem-abrigo? Quais os desafios específicos na interpretação de temas abstractos para públicos mais vastos? Estas foram algumas das questões que acabaram por proporcionar um intenso debate e uma participada partilha de ideias, abrindo decisivamente novas e possíveis pistas de orientação nas práticas museológicas.

A conferência EMYA 2018 constitui um autêntico e singular “fórum de museus europeus”, aberto geograficamente a todos os 47 países do Conselho da Europa, celebrando, assim, um dos traços mais importantes desta identidade e realidade designada “EUROPA” precisamente marcada nesta iniciativa pela forte e criativa “DIVERSIDADE” museológica, num claro desafio aos hipotéticos e reais muros mentais e físicos do isolacionismo que surgem no horizonte europeu.

Dia Internacional dos Museus no Japão

Simpósio Osaka

José Alberto Ribeiro, presidente do ICOM Portugal



No âmbito do Dia Internacional dos Museus (DIM), o ICOM Portugal foi convidado a participar num simpósio internacional em Osaka, no Japão. O tema do simpósio foi dedicado ao DIM de 2018 – *Museus Hiperconectados: Novas Abordagens, Novos Públicos*. Teve lugar no Museu de História de Osaka, a 19 de Maio.

O evento foi organizado pelo ICOM Japão e pelo comité organizador da [Conferência Geral](#) do ICOM que se realizará em Quioto, entre 1 e 7 de Setembro de 2019, tendo como tema: *Museums as Cultural Hubs: the Future of Tradition*. É de notar que já se encontra disponível o programa preliminar da Conferência Geral ICOM 2019 no [website](#) oficial.

Tratando-se este simpósio de um evento preparatório da Conferência Geral do ICOM de 2019, revelou-se uma experiência marcante para conhecer melhor outros contextos, juntando museólogos que trabalham a partir de realidades muito distintas (cf. [programa](#)). Começando com as observações de Tamotsu Aoki (presidente do ICOM Japão/director-geral do Centro Nacional de Arte de Tóquio) e Michiteru Kahiwagi (director-geral do Gabinete de Estratégia Económica do Governo da Cidade de Osaka), Terry Nyambe (membro do Conselho Executivo do ICOM), José Alberto Ribeiro (presidente do ICOM Portugal) e Alvin Tan (director executivo adjunto do Conselho do Património Nacional de Singapura), todos com palestras sobre as últimas novidades dos seus museus e planos de actividades, e do ICOM nos seus países e regiões.

Seguiu-se um painel de discussão presidido por Koichi Homma (Universidade de Keio) que compartilhou exemplos de actividades “hiperconectadas” no Japão. Neste painel, Daisuke Sakuma (Museu de História Natural de Osaka), Takahide Tsuchiya (Museu de Arte de Mori) e Satomi Kito (Museu Nacional de Tóquio) aprofundaram a discussão sobre novas redes criadas, nomeadamente as redes sociais, bem como as possibilidades e desafios resultantes da diversificação de áreas e de públicos-alvo.

Este debate serviu para reflectir sobre a posição dos museus na sociedade e as relações com as comunidades, nomeadamente através da participação nas redes sociais, e sobre como envolver globalmente o museu para captar diferentes gerações de públicos. A utilização das redes sociais foi apresentada como uma ferramenta a ser utilizada por todos os profissionais do museu, no sentido de interpretar a informação para diferentes públicos. Os casos apresentados mostraram que as experiências neste domínio no Japão têm permitido não só novas abordagens como têm atraído novas gerações e diferentes tipos de público, incluindo não japoneses.

Museus & Pessoas

Isabel Victor

Por Ana Carvalho

Isabel Victor é desde Abril de 2017 directora do Museu Sporting, em Lisboa. Alia o profissionalismo com a paixão pelo trabalho em museus, o gosto por aprender, fazer e discutir, e a inquietude da curiosidade. Há pouco mais de um ano na direcção do museu, fomos até ao Estádio de Alvalade, onde está instalado o museu, para conhecer melhor o percurso de Isabel Victor, as suas motivações e as ideias que traz para o Museu Sporting e para este novo ciclo profissional.



Entro no Museu Sporting antes da hora marcada e começo por deambular pela exposição permanente sem pressa, perscrutando essa montra incandescente e reluzente, pululante de troféus – um hino à vitória e às conquistas de um clube desportivo com história secular. A música de fundo faz jus ao tom celebratório do ambiente, que em *loop* insiste e persiste. Já no gabinete de Isabel Victor, é a mesma música que ainda se consegue escutar, ainda que filtrada pelos interstícios das paredes finas.

Começamos a conversar. Profissional madura, não tem dúvidas em afirmar-se hoje como museóloga. Nessa perspectiva, o fio condutor tem sido, antes de mais: «um grande interesse pelas pessoas, pela busca permanente de conhecimento, um trabalho persistente e a vontade de inovação». Mas definitivamente, Isabel Victor não cresceu a pensar numa carreira em mu-

seus. Na adolescência, «os museus eram uma coisa muito distante das pessoas», admite. Sobre a aproximação aos museus, que aconteceu na década de 1980, em Setúbal, é um percurso que se foi fazendo, não há uma linearidade, mas sim uma «sucessão de acontecimentos e de escolhas, nem sempre um processo consciente». Com pragmatismo, atira: «fui-me encaminhando para aquilo que me suscitava mais curiosidade».

Uma trajectória multifacetada: da sociologia à militância pela acção cultural

Recuamos então nesse percurso e nessa genealogia de interesses vários marcados pela curiosidade e pela descoberta do mundo. No liceu vinha da área das ciências. Tinha especial fascínio pela Física, «pela compreensão dos fenómenos», sublinha. Ao mesmo tempo, crescia-lhe o interesse pela Geografia: «como e porque se movimentam as pessoas, como se organizam as cidades, a forma de ocupar o espaço e de o viver» – eram questões que a interrogavam. Além disso, a História, «sempre de forma latente», e a Psicologia. As provas de aptidão para a entrada na universidade ainda foram na área da Geografia e da Matemática. Mas estávamos no pós 25 de Abril e as universidades estavam fechadas. Fala com emoção do serviço cívico estudantil, no qual participou: «veio mostrar um país diferente. Costumo dizer, foi o nosso Maio de 1968. Um tempo de descoberta, de liberdade e de discussão, a ideia de que podíamos mudar o curso das coisas, e mostrou-me outras possibilidades.» Na mesma época, fez o ano zero no ISCTE para a entrada na universidade, participando em seminários diversos com figuras ligadas ao jornalismo, à Geografia, à História e ao pensamento contemporâneo. «Foi um ano que não contou para nada, mas contou para tudo», sublinha. Isabel Victor tinha então 17 anos. Foi uma espécie de «rampa de lançamento», «deu-me estrutura de pensamento». É por essa altura que se tornou evidente que o curso de Sociologia no ISCTE era o caminho a perseguir, até então considerada pelo antigo regime como

uma «área subversiva». «Era todo um conhecimento que se abriu. Comecei a entender que na Sociologia eu podia chegar a esse campo multidisciplinar que afinal eu tanto gostava.»

Ainda no segundo ano da licenciatura em Sociologia começou a estudar à noite e a fazer formação profissional na área da animação sócio-cultural. Este é outro traço que a caracteriza: «sempre gostei de fazer várias coisas» e, por outro lado, o desejo de «aplicação prática das coisas». Esta via profissionalizante mostrou-lhe a importância da acção cultural enquanto militância «para a liberdade, a democracia e para o desenvolvimento das pessoas», uma noção que já vinha de trás, de forma mais empírica, quando aos 15 anos, além de estudar, ajudava na organização de actividades de animação dos tempos livres nas escolas.

Foi como animadora sócio-cultural que teve o seu primeiro emprego em Setúbal no antigo polo do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis), hoje Instituto Português do Desporto e Juventude. Em 1982 termina a licenciatura em Sociologia e nesse mesmo ano entra para a Câmara Municipal de Setúbal como chefe de serviço de acção sócio-cultural. Sobre estes tempos recorda, o serviço funcionava como uma espécie de «saneamento básico da cultura, porque na altura era preciso fazer tudo».

E então, os museus e a Museologia

É com a colecção etnográfica de Michel Giacometti (1929-1990) que se aproxima de forma mais assertiva do mundo dos museus. Pela mão de Fernando António Baptista Pereira, à época conservador do Museu de Setúbal – Convento de Jesus, surge a possibilidade de Isabel Victor trabalhar com a colecção, então propriedade do município de Setúbal (antes a colecção era do INATEL), com vista à sua organização e criação de um futuro museu. Estávamos em 1987, e a colecção depositada numa ala do antigo hospital do Convento foi o início de vários processos, nomeadamente a

organização de exposições itinerantes e uma diversidade de actividades, de onde se destaca o trabalho com públicos muito diversificados – «essa foi uma grande experiência», reconhece. Desse processo culminou em 1995 a instalação do Museu do Trabalho Michel Giacometti numa antiga fábrica de conservas da cidade. Nesse contexto, «procurámos criar uma relação com os Setubalenses, trabalhar a noção de pertença, abrindo o museu». E acrescenta: «trabalhámos as cidades dentro da cidade e a interculturalidade», «uma cidade com mais de 2000 anos de história, porto de mar, que sempre foi uma cidade de culturas». «Outro grande desígnio do museu foi ajudar as pessoas a viver umas com as outras para bem desse reconhecimento e diversidade, trabalhando em rede, com o território, em parceria com as associações, com os artistas..., e como costume dizer, com os Setubalenses-caboverdianos, com os Setubalenses-moçambicanos, com os Setubalenses-angolanos... e com toda a diversidade de Setúbal.» Esteve à frente do Museu do Trabalho Michel Giacometti até 2010, até então na qualidade de chefe de divisão de museus da Câmara Municipal de Setúbal. Dessa experiência de terreno e de gestão (de equipas e de meios), destaca as equipas: «com quem aprendi muito». Do período em Setúbal, ressalta, ainda, a «consciência da importância decisiva da educação patrimonial e o papel pioneiro dos museus de Setúbal neste campo, iniciado há 30 anos pela mão de Ana Duarte».

A par com a experiência de terreno nos museus veio também a procura pelas ferramentas teóricas que melhor estruturassem as práticas. Neste balanço, esse é também um traço que lhe é característico, tal como faz gosto em realçar: «sempre gostei muito de estudar e aprender toda a vida». No campo da Museologia, isso é perceptível desde cedo, com a pós-graduação em Museologia Social da Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões (1992) e, mais tarde, com o mestrado em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (2005), com uma tese sobre as ferramentas da qualidade aplicadas em museus, tema-chave, aliás, ao longo da conversa com Isabel Victor.

Sobre pessoas e experiências que orientaram e influenciaram o seu pensamento (e acção), «revolucionando a forma de entender o papel dos museus, a pirâmide de valores, a sua relevância e papel social», Isabel Victor destaca Per-Uno Ägren (1930-2008) e a Museologia nórdica, nomeadamente o caso da Suécia, e o movimento da Nova Museologia, o ensino da Sociomuseologia, com Mário Moutinho, e a rede internacional de investigadores e museólogos, com ênfase para o Canadá, com Pierre Mayrand (1934-2011), e para o Brasil, com Mário Chagas.

Da administração local para a administração central

Entre 2010 e 2012 coordenou a Rede Portuguesa de Museus (RPM) ao assumir o cargo de directora do Departamento de Museus do então Instituto dos Museus e da Conservação. Sobre a primeira década de existência da RPM destaca a influência política e o papel de negociação que esta teve junto dos municípios: «os museus não teriam crescido com a organização, ordenamento e qualificação que tiveram se não fosse a Rede». E mais: «a Rede empoderou os profissionais e contribuiu para a normalização». Em jeito de balanço sobre o trabalho que desenvolveu, sublinha: «candidatei-me com elevada expectativa de poder fazer uma segunda década aproveitando o alicerce, manter o fundamental, aprofundar a questão política, mas estávamos já numa década de desconstrução». No plano da formação procurou, para além da formação de perfil mais técnico «adaptar a uma outra realidade, que partia mais da reflexão sobre boas práticas com os profissionais de museus». Essa metodologia de trabalho, em parte assente na ideia de «museu visita museu», que chegou a colocar em prática, visava «criar redes interpessoais para alimentar a criatividade e a mudança». Nesse sentido, defende: «o museu é um campo multidisciplinar, é importante exercitar essa reflexão: o que fazemos, porque fazemos e a inovação que se vai gerando, que de uma maneira geral é mal conhecida». É nessa perspectiva que afirma: «o principal da Rede é trabalhar em rede», «trabalhar de forma

horizontal e de baixo para cima». Sobre a sua saída da Rede não esconde que foi um processo traumático, sobretudo pelo fim de uma equipa que levou anos a constituir-se, e que “desapareceu” de um dia para o outro. Sobre esse lastro, admite: «tenho uma profunda admiração pela equipa da Rede».

Pergunto sobre a revitalização da RPM e qual pode ser o caminho. Isabel Victor aponta, desde logo, para a necessidade de cumprimento da Lei-Quadro dos Museus Portugueses. «A lei existe, é preciso que se consolide, que funcione», e «rever a cadeia de prioridades e o modelo de rede – de piramidal para horizontal e rizomática – com várias derivações (redes regionais, redes temáticas, etc.)». Insiste igualmente na importância de uma acção baseada em diagnósticos: «conhecer os museus, os profissionais» e «apostar na negociação política». Por outro lado, o investimento «na formação e qualificação, e pensar na credenciação como o final da linha», ou seja, «implementar um sistema de qualidade em museus, a partir do qual os museus e os profissionais possam usar essas ferramentas na gestão, nos processos, na transparência, na qualificação e na formação.»

Depois da RPM, voltou à casa-mãe, à Câmara Municipal de Setúbal, onde passou a colaborar com o Museu de Setúbal – Convento de Jesus. Nesse contexto, chegou a preparar um projecto que visava a cartografia do património (numa perspectiva participada) da cidade, entendido como anteprojecto que servisse de base para um futuro museu de cidade. Sem apoio político, a ideia não foi avante. Em 2014, acabou por sair da função pública e abraçar o trabalho independente como consultora. Começava então um novo ciclo.

Um novo ciclo, o Museu Sporting

Coordenar o Museu Sporting não foi um projecto antecipado ou planeado por Isabel Victor, mas aconteceu. Houve uma primeira aproximação in-

formal em 2016 como consultora para fazer pareceres técnicos e, em 2017, surgiu o convite para efectivamente dirigir o museu. Encara este novo ciclo como um «extraordinário desafio».

Sobre o perfil destes museus, é peremptória: «são museus profundamente emotivos. Aqui a emoção está no topo». E sublinha: «o Museu Sporting é um museu que faz tributo a grandes atletas e a extraordinárias histórias de vida e de superação». «Se noutros museus eu já sentia que o mais importante era o edifício humano, nestes museus ainda é mais evidente». «E onde o património imaterial é uma [dimensão] fortíssima», acrescenta. O Museu Sporting «retrata a identidade e a memória do Sporting Clube de Portugal, desde a sua fundação em 1906 até aos dias de hoje», pode ler-se na sua página institucional. Sobre a missão deste museu, Isabel Victor destaca: «é sobretudo este sentido de celebração, de congregação, é um tributo constante à história, aos atletas, à superação, ao excepcional, mas também ao sacrifício, às derrotas. Tudo isso faz parte». Reconhece que «não são museus nada neutros, mas os outros também não». Um outro aspecto inerente à missão do museu é «contribuir para uma cultura desportiva, para os valores fundamentais do desporto e do respeito pelos atletas», sublinha, em clara alusão aos últimos acontecimentos da cena desportiva.

A sorte dá muito trabalho

No trabalho mais visível do Museu Sporting somam-se já duas exposições temporárias realizadas com esta nova direcção. A primeira, *Leas, Boas de Bola* (2017) correspondeu a uma necessidade evidenciada pela limitada representação de género na exposição permanente. Nesse sentido, *Leas, Boas de Bola* é entendida como uma exposição disruptiva. Por um lado, «as mulheres estão cada vez mais presentes, individualmente e como equipa (ex. râguebi, futebol), mas, por outro lado, «a sua representação é muito menos expressiva do que a masculina, mesmo dentro das mesmas modalidades». Como destaca a directora, esta exposição «permitiu colocar em

diálogo a geração dos anos 1990, ou seja as primeiras mulheres do futebol feminino e as actuais, o que foi uma verdadeira descoberta para estas que não sabiam que tinham existido outras».

A segunda exposição *A Sorte dá Muito Trabalho* (patente ao público) é evocativa de Mário Moniz Pereira, apelidado carinhosamente de *Senhor Atletismo* pelo seu papel nesta modalidade e cujo lema por este apregoado dá nome à exposição. Se, por um lado, como é enfatizado, «na exposição permanente a quantidade conta» – «trata-se de mais de um século de troféus» – com as exposições temporárias há um trabalho diferente a fazer: «tentamos trabalhar os objectos, mas sobretudo a memória, o imaterial, que é uma espécie de material incandescente do edifício humano, onde os objectos servem de âncora, mas a essência é a memória e o esquecimento, que é outra face da memória».

Não ignorando o papel das exposições como interfaces fundamentais com os públicos, Isabel Victor releva todo o trabalho de bastidores menos visível que foi preciso colocar em prática, e que em muitos aspectos, confessa, neste museu foi como «começar do zero». Uma das primeiras medidas foi repensar o museu com a elaboração de um plano estratégico, que nasceu de um trabalho de equipa – que faz ponto de honra em sublinhar – no início constituída por cinco pessoas – a quem apelida carinhosamente de «os cinco violinos». Foi preciso «identificar valores, missão, a cadeia de processos e procedimentos do museu. Quem é quem, o que faz e como. Trata-se de criar respeito uns pelos outros na estrutura interna». Por outro lado, é colocar em prática o lema: «o máximo de liberdade e o máximo de responsabilidade», que assume ser eixo clarividente de acção tanto na sua vida pessoal como profissional. Por essa razão considerou fundamental começar por definir um plano estratégico, integrador de princípios da gestão da qualidade, implicando horizontes temporais claros e que garanta o compromisso do museu com a tutela e a necessária autonomia, mas também, por sua vez, a responsabilização pelos resultados. Entre as prioridades des-

te plano estratégico (pensado até 2022, onde se inclui o plano financeiro) está a consolidação, o fortalecimento e a capacitação da equipa, que entretanto duplicou, e colocar em funcionamento várias valências, competências e áreas de saber do museu. É neste sentido que se tem investido, nomeadamente na área das reservas, na conservação e restauro, na renovação do espólio e na gestão do inventário de coleções, na investigação e na participação em redes de trabalho e cooperação com outros museus, designadamente com os museus vizinhos (ex. Museu de Lisboa, Museu Bordalo Pinheiro). A reformulação pontual da exposição permanente e a melhoria das condições de acessibilidade são aspectos igualmente previstos.

Outro projecto bandeira, e de grande aposta, é o desenvolvimento de um centro de memórias, que tem filiação em experiências anteriores da museóloga. O argumento é claro: «falta dar visibilidade às histórias de vida que estão por trás dos troféus». As sessões de recolha já tiveram início tendo por base a área do atletismo e seus atletas, e o trabalho perspectiva-se de continuidade.

Está ainda prevista a extensão do Museu Sporting (com abertura prevista para o final de 2018) com um terceiro pólo no pavilhão João Rocha, recorrendo à linguagem do digital e das novas tecnologias.

Museu Sporting

- Criação: 2004, 2016 (remodelação). Dois pólos: Estádio José Alvalade e Leiria
- Tutela: privada, Sporting Club de Portugal
- Coleções: várias (etnografia, fotografia, história, traje, filatelia, numismática)
- Coleção total: c. 37 334 objectos; colecção em exposição: c. 4 600 objectos
- Área total de exposição (incluindo exp. temporárias): 1 000 m²
- Equipa: 10 pessoas
- Média de visitantes em 2017: Estádio José Alvalade – 18 899, Leiria – 14 930

Opinião dos Membros

Em 2018, o Valor do Património Cultural para a Sociedade

Maria da Luz Nolasco C., museóloga, Museu de Aveiro, Santa Joana

A Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Património Cultural assinada em Faro, em 27 de Outubro de 2005, é um marco presente e efectivo para a valorização dos aspectos do meio ambiente resultantes da interacção entre as pessoas e os lugares através do tempo. Logo, o entendimento que podemos fazer em 2018, o Ano Europeu do Património Cultural, é que o mais importante, para além de festas e eventos comemorativos, é criarmos hipóteses de uma verdadeira ligação entre as áreas da educação, da ciência e da cultura, como tem defendido Guilherme d'Oliveira Martins, coordenador nacional da iniciativa.

Em termos práticos, esta hipótese implica um especial envolvimento das escolas através dos estudantes, e uma extensível motivação das famílias e da sociedade para com as questões culturais que são as que espelham a vida das pessoas, e que valorizam os lugares através do tempo. Aos docentes seria expectável receberem das entidades responsáveis uma melhor formação profissional e motivacional, com o objectivo de se poder ir além da superficialidade: afinal, é o evento Europeu da Cultura.

As convenções servem, na prática, na forma e no conteúdo, para unir os povos. Este ano de 2018 tem como objectivo promover os ideais e os princípios baseados no respeito pelos direitos do homem, da democracia e do Estado de direito, que constituem o seu património comum.

Falamos de um património cultural humanizado; de um conjunto de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos bens, como um reflexo e expressão

dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução. E aqui embatemos num conceito tão comum como questionável: o de tradição.

As tradições que, tal como as mentalidades, podem resultar de mudanças e de alterações advindas da actualização de hábitos, de práticas e de atitudes no tempo, são as que ainda mantemos com um renovado sentido do nosso tempo. A tradição é, também, a manifestação da memória colectiva como algo relacionalmente vital para as gerações e, implica-nos a todos.

Salientando, assim, o valor e as potencialidades de um património cultural colectivo bem gerido, enquanto fonte de desenvolvimento sustentável e de qualidade de vida numa sociedade em constante evolução ([Resolução da Assembleia da República n.º 47/2008](#)) é claro entendermos quais são, actualmente, os seus principais desígnios:

- O reconhecimento que o direito ao património cultural é inerente ao direito de participar na vida cultural, tal como consta na Declaração Universal dos Direitos do Homem;
- O reconhecimento da responsabilidade individual e colectiva perante o património cultural;
- A visibilidade para entendermos que a preservação do património cultural e a sua utilização sustentável têm por finalidade o desenvolvimento humano e a qualidade de vida.

Em suma, o que emana da Convenção de Faro de 2005 é algo de fundamental e que se traduz no direito a que cada pessoa, individual ou colectivamente, tem de beneficiar do património cultural e de contribuir para o seu enriquecimento, bem como, a assunção da responsabilidade de respeitar quer o património cultural dos outros, quer o seu próprio património e, conseqüentemente, o património comum da Europa.

Publicações

Sugestões de leitura

Formação, perfis profissionais e competências

- Brigola, João. 2016. "[O Actual Ensino Universitário da Museologia – Uma Reflexão Crítica e uma Proposta.](#)" In *Museus, Património e Ciência: Ensaios de História da Cultura*, 17-22. Évora: CIDEHUS.
- Carvalho, Ana, Alexandre Matos e Manuel Pizarro. 2018. "[Competências para a Transformação Digital nos Museus: o Projecto Mu.Sa.](#)" MIDAS – *Museus e Estudos Interdisciplinares* 9.
- Desvallées, André, e François Mairesse, eds. 2013. "[Profissão.](#)" In *Conceitos-chave de Museologia*, 81-85. Traduzido por Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Armand Colin.
- Martinho, Teresa Duarte. 2013. "[Mediadores Culturais em Portugal: Perfis e Trajetórias de um Novo Grupo Ocupacional.](#)" *Análise Social* XLVIII (2.º): 422-444.
- Museums Association. 2013. [Working Wonders: An Action Plan for the Museum Workforce.](#) [S.l.]: Museums Association.
- Nunes, Ana Sofia. 2016. "[Comunicar Património em Instituições Patrimoniais e Culturais: Uma Proposta para a Formação de Profissionais de Mediação e Educação.](#)" Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Parry, Ross, Doris Ruth Eikhof, Sally-Anne Barnes, e Erika Kispeter. 2018. [Mapping the Museum Digital Skills Ecosystem: Phase One Report.](#) [S.l.]: University of Leicester.
- Poole, Nick. 2013. "[What Skills do Future Museum Professionals Need?](#)" *London Museums Group blog*, September 16.
- Raposo, Luís. 2018. "[O que Significa ser Profissional de Museus, Hoje?](#)" *Património.pt*, Maio 28.
- Semedo, Alice. 2013. "[Formação em Museologia: Círculos e Outras Geometrias.](#)" *Anais do Museu Paulista* 21 (1): 49-62.
- Semedo, Alice. 2014. "[Museum Mediators in Europe: Connecting Learning in a Field of Experience.](#)" *Museum Worlds* 2 (1): 170-176.
- Vaquinhas, Irene. 2013. "[A Museologia como Campo de Estudo nas Universidades Portuguesas: Esboço de Evolução, Pertinência e Atualidade.](#)" MIDAS – *Museus e Estudos Interdisciplinares* 1.

Novas edições

ENCATC. 2017. *Social Media Toolkit for Cultural Managers*.

Edição ENCATC - *European Network on Cultural Management and Policy*, 80 páginas, [online](#)

Este guia visa ajudar os gestores culturais que no seu dia a dia queiram melhorar a sua capacidade de comunicação, apresentando dicas e boas práticas para uma gestão mais eficaz das redes sociais. O desenvolvimento e formação de públicos por via do contributo das redes sociais é um aspecto nuclear da publicação.

O Twitter, o Facebook, o Linked-in, o YouTube, o Instagram, e o Google+ estão entre as redes sociais focadas neste guia. Que singularidades as distinguem? Com uma linguagem clara e simples, este manual é útil para quem se quer iniciar nestas matérias, com interesse também para os profissionais de museus.

Juan Santacana, Mikel Asensio, Victoria López Benito e Tània Martínez Gil, eds.

2018. *La Evaluación de las «apps» en el Patrimonio Cultural*.

Edição Trea, 160 páginas, impresso

Este estudo espanhol incide sobre a avaliação das aplicações móveis (*apps*) por parte dos utilizadores. «Discutimos si realmente son instrumentos educativos, es decir, si son capaces de producir cambios significativos en nuestras formas de analizar la realidad y en nuestro comportamiento» (p. 11). Em quase todas as aplicações móveis analisadas foram encontradas fragilidades do ponto de vista da adequação dos conteúdos na transmissão de conhecimentos. A maioria das aplicações móveis consideradas promete oferecer uma experiência atractiva e divertida. No entanto, as avaliações dos utilizadores são mais críticas (ex. demasiada informação).



Culture is Digital. 2018

Edição Department for Digital, Culture, Media & Sport (Reino Unido) , 63 páginas, [online](#)

O relatório centra-se no uso da tecnologia digital para elevar o estatuto global do sector cultural e promover o envolvimento, diversidade e bem-estar dos públicos no Reino Unido. Na premissa deste relatório está o reconhecimento das competências criativas e tecnológicas como pontos fortes (e convergentes) de um Reino Unido competitivo. Esta abordagem enquadra-se no compromisso assumido pelo governo britânico em promover uma estratégia digital nacional, que foi apresentada em 2017.

O relatório congrega três temas e/ou compromissos-chave: 1) Públicos: a utilização da tecnologia digital para envolver públicos; 2) Competências e a capacidade das organizações culturais; 3) Estratégia futura: desenvolver o potencial criativo da tecnologia. Os museus estão entre as organizações culturais representadas.

 Department for Digital, Culture, Media & Sport

 culture is DIGITAL

***Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico. 2017. Tradução do***

Ibermuseus

Edição original: ICCROM e CCI , 122 páginas, [online](#)

Este guia é uma tradução e adaptação do manual *The ABC Method – A Risk Management Approach to the Preservation of Cultural Heritage* (2016), uma publicação conjunta do ICCROM (International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property) e do CCI (Canadian Conservation Institute). O guia apresenta, de forma detalhada, as várias fases de aproximação à gestão de riscos: compreender o contexto, identificar, analisar, avaliar, tratar, monitorar, rever e preparar novos ciclos. O texto original foi adaptado para focar especificamente os acervos museológicos no contexto iberoamericano. Os conteúdos são direccionados para profissionais com responsabilidades ao nível do planeamento e implantação de políticas e planos de preservação e segurança para acervos.



Museums Association. 2018. *Museums Taskforce: Report and Recommendations*

Edição Museums Association, 9 páginas

Atendendo à difícil situação financeira dos museus no Reino Unido a Museums Association criou, em 2016, um grupo de trabalho para analisar os desafios e as oportunidades que o sector dos museus tem pela frente. Deste grupo de trabalho resultou um relatório que sintetiza um conjunto de recomendações, a partir de três áreas consideradas críticas para o futuro do sector: colecções, financiamento e relevância.

Esta iniciativa sublinha a necessidade de compreender a situação actual para agir de forma concertada e conjunta no desenho de soluções futuras. Entre as premissas defendidas sublinha-se a necessidade de investimentos estratégicos de longo prazo e níveis de financiamento estáveis para que os museus possam trabalhar de forma eficaz. O relatório advoga a favor dos museus e do seu agenciamento na sociedade, pensado também como uma ferramenta para comunicar de forma assertiva os interesses dos museus e influenciar governos e outras partes interessadas.



MUSEUMS
TASKFORCE
REPORT AND
RECOMMENDATIONS

***The Museum International: Museums and Public Policy.* 2017**

Edição International Council for Museums e Blackwell Publishing, vol. 69, n.º 275-276, 131 páginas

Este número reúne várias perspectivas e experiências sobre como os museus têm respondido aos reptos da política pública, a partir de várias partes do mundo. A pergunta impõe-se: podem os museus ignorar os temas do discurso da política pública? Neste contexto, o entendimento de política pública não se restringe à política cultural, incluindo áreas como: direitos humanos, relações internacionais, educação, recursos naturais, ciência e investigação, saúde e bem-estar, preservação ambiental, migrações, turismo, informação tecnológica, segurança, entre outros. Pressupõe-se que os museus não devem dissociar-se das mudanças políticas operadas nestas áreas, introduzindo-as na prática museológica, reinterpretando-as e arriscando maior proactividade sem, no entanto, perder de vista a missão e as responsabilidades ao nível da preservação, acesso às colecções e sua interpretação. A crise financeira global é outro aspecto identificado como gerador de múltiplas consequências em vários países.



Revista MIDAS – *Museus e Estudos*

***Interdisciplinares*, n.º 9, 2018**

Edição Universidade de Évora et al.

Disponível [online](#)

O 9.º número (*Varia*) da revista MIDAS já se encontra em linha e em acesso aberto. Inclui quatro artigos, três artigos breves e quatro resenhas críticas de livros. A MIDAS é uma revista científica, editada em suporte digital e com revisão por pares. Pretende dar a conhecer e promover os museus enquanto objectos de investigação científica e a Museologia enquanto área do conhecimento que congrega diferentes disciplinas. Concebida como projecto inter-universitário, a revista foi fundada, em 2011, por Alice Semedo (Universidade do Porto), Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora), Pedro Casaleiro (Museu de Ciência da Universidade de Coimbra), Raquel Henriques da Silva (Universidade Nova de Lisboa) e Ana Carvalho (Universidade de Évora).

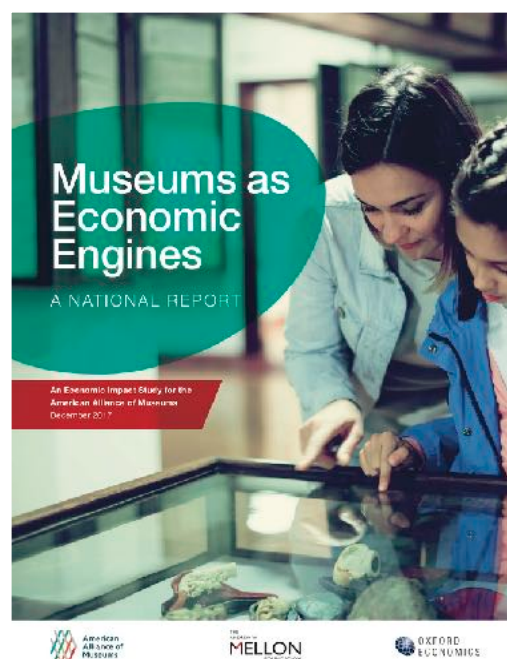


Museums as Economic Engines: A National Report. 2017

Edição American Alliance of Museums, 34 páginas. Disponível [online](#)

Este relatório resulta de uma parceria entre a American Alliance of Museums e a Oxford Economics e contou com o apoio da Fundação Andrew W. Mellon.

Considerando o contexto americano, o objectivo consistiu em demonstrar os benefícios económicos dos museus ao gerarem empregos, investimento directo e efeito na cadeia de valor. Os números apresentados revelam o contributo dos museus como importantes motores económicos, apoiando empregos e salários que são vitais para a sociedade. Como atesta o relatório, em 2016, a contribuição dos museus representou mais de 50 bilhões de dólares em actividade económica reflectida no PIB, cerca de 726 200 empregos e 12 bilhões de dólares em impostos para os governos locais, estaduais e federais.



Agenda

Conferências, encontros, debates

Nacional

Museus Militares e Centros de

Interpretação | 13 de Julho

Org. Universidade Portucalense | Porto

O seminário “Museus Militares e Centros de Interpretação” é promovido no âmbito dos Seminários de História, Património e Turismo Militar e inserido nas atividades do Ano Europeu do Património Cultural – 2018. Mais informações: <http://www.pportodosmuseus.pt>

Mediação Cultural: Aprendizagens para Todos. Encontro de Educação, Cultura e Património | 11–13 de Outubro

Org. Museu de Lisboa e Museu Nacional de Arte Antiga | Fórum Lisboa

O encontro tem como objectivo promover a reflexão e a partilha de experiências de trabalho no âmbito da mediação em museus e noutros espaços culturais. Cada dia será dedicado a um tema orientador: públicos e não públicos, outras abordagens; mediação e espectáculo; e materiais pedagógicos em equipamentos culturais. Mais informações: <http://www.museudearteantiga.pt>

Conferência E este Património? A Presença LGBTQI+ no Ano Europeu do Património Cultural | 17 de Outubro

Org. Acesso Cultura | Biblioteca

Municipal de Marvila, Lisboa

A escolha deste tema pretende colocar no centro da nossa reflexão histórias escondidas ou não reconhecidas; as condições em que estas são investigadas; a sua preservação, divulgação e interpretação; mas também a criação contemporânea, o património gerado hoje. Uma sociedade que se quer inclusiva e respeitadora da diferença necessita de múltiplas narrativas, necessita de ter acesso ao conhecimento, necessita de se encontrar com o outro e de ser capaz de reconhecer a sua humanidade. Mais informações: <https://acessocultura.org/conf2018/>

Jornadas de Outono ICOM Portugal

Património Cultural | 19 de Outubro

Org. ICOM Portugal | Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra

Estas Jornadas de Outono assinalam o tema do Ano Europeu do Património Cultural 2018. Mais informações brevemente em: <http://icom-portugal.org>

Conferência Património Cultural – Desafios**XXI | 25–26 de Outubro****Org. Direção-Geral do Património Cultural e Fundação Calouste Gulbenkian | Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa**

No quadro da actual complexidade do contexto económico e social, da globalização e de novos paradigmas emergentes, esta conferência pretende abordar as questões mais relevantes e pertinentes que se colocam ao património cultural e apontar possíveis pistas para o futuro, cruzando os domínios da cultura, da sociedade, da educação, da economia e do território. A conferência tem presentes os mais recentes documentos emanados do Conselho da Europa, da Comissão Europeia e da UNESCO, apresentando reflexões actualizadas, a par da difusão de boas práticas nacionais e internacionais.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt>

Debates Acesso Cultura | 20 de Novembro**Org. Acesso Cultura | vários locais**

A Acesso Cultura organiza debates abertos aos profissionais do sector cultural e a todas as pessoas interessadas para reflectir em conjunto sobre questões ligadas à acessibilidade – física, social e intelectual. O debate de Novembro é dedicado ao tema *Programar nas Periferias: O quê? Para quem? Com quem?* (20 de Novembro). Mais informações: <https://acessocultura.org>

II Fórum Ibérico de Investigação em Museologia: Os Museus e a(s) Sociedade(s): Teorias, Contextos, Histórias, Experiências, Desafios | 13–14 de Dezembro**Org. Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa [et al.] | Lisboa**

O II Fórum Ibérico de Investigação em Museologia, que este ano se junta ao Encontro Anual do Grupo de *Museum Studies* (MuSt) do Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa, pretende estimular a partilha de projectos pessoais ou institucionais, experiências e reflexões em torno da história e dos desafios actuais da Museologia da Península Ibérica e mesmo do contexto mais alargado do mundo ibero-americano. Este Fórum dirige-se a investigadores em fase de formação avançada: mestrandos, doutorandos e doutorados em início da sua trajetória académica. O ICOM Portugal apoia este evento. Mais informações: <https://institutodehistoriadaarte.wordpress.com>

internacional

Calendário de eventos do ICOM central

Org. Vários

Consulte o [calendário online](#) do ICOM central sobre as conferências dos próximos meses. Caso seja membro do ICOM pode ainda aceder à [ICOMMUNITY](#), plataforma de partilha entre profissionais, que disponibiliza mais informações sobre a actividade dos comités nacionais e internacionais. Mais informações: <http://icom.museum>

Conferência *Discovering Collections, Discovering Communities*

19–21 de Setembro

Org. National Archives and Research Libraries | Birmingham, Reino Unido

Na sexta edição, esta conferência pretende reunir colegas de vários sectores (arquivos, bibliotecas, museus e academia) para explorar oportunidades, desafios colectivos e discutir formas de trabalhar conjuntamente de forma mais efectiva. Encontra mais informações em: <http://dcdconference.com>

Expert meeting on Intangible Cultural Heritage, Museums and Urbanised Society

25–26 de Setembro

Org. The Intangible Cultural Heritage and Museums Project | Berna, Suíça

Um grupo de profissionais de museus belgas, franceses, italianos, suíços e holandeses irão debater e aprofundar o entendimento sobre a inter-relação entre três tópicos: património cultural imaterial, museus e sociedade urbanizada. Prevê-se a compilação de um kit sobre património cultural imaterial para profissionais de museus. Mais informações em: <https://www.ichandmuseums.eu>

ENCATC Congress on Cultural Management and Policy: Beyond EYCH2018. What is the Cultural Horizon? Opening up Perspectives to Face Ongoing Transformations

26–28 de Setembro

Org. ENCATC e National Institute for Cultural Research and Training | Bucareste, Roménia

O programa inclui conferencistas convidados sobre temáticas como as transformações culturais em curso, debates sobre as implicações em termos de *heritagisation* e de diálogo interdisciplinar; descobertas culturais e experiências. Mais informações: <https://www.encatc.org>

The Best in Heritage 2018 - Projects of Influence. Annual, global conference featuring award-winning museum, heritage and conservation projects | 26–28 de Setembro

Org. Europa Nostra et al. | Dubrovnik, Croácia

O evento realiza-se todos os anos. Distingue projectos e boas prática no sector do património. Mais informações: <https://www.thebestinheritage.com/conference>

Conferência New Curatorial Perspectives for a Changed World | 14–16 de Novembro

Org. Asia-Europe Museum Network (ASEMUS) | Sarawak Museum, Malásia

O tópico principal da 8.^a edição desta conferência centra-se nas mudanças no papel dos curadores atendendo, por sua vez, às mudanças sociais em curso. O mundo está a tornar-se mais fracturado e dividido pelas orientações nacionalistas e ideológicas; os públicos são cada vez mais sofisticados e exigentes; a tecnologia, em particular as tecnologias digitais têm revolucionado a forma como se disponibiliza o conhecimento e os conteúdos aos utilizadores finais. Além disso, acrescem as questões éticas e de proveniência de objectos, temas cada vez mais pertinentes. Mais informações: <http://asemus.museum/event/8th-asemus-gc-malaysia/>

Museums Out Of The Box! The Crossover Impact of Museums

15–18 de Novembro

Org. NEMO (Network of European Museum Organisations) | Valetta, Malta

A conferência anual da NEMO pretende evidenciar o quanto os museus já demonstram o seu impacto e valor nas comunidades locais onde se inserem e junto de diferentes actores (e a diferentes níveis). A discussão e os exemplos a apresentar visam promover uma abordagem transversal e holística relativamente ao património cultural, contribuindo para as 10 iniciativas europeias que a Comissão Europeia pretende implementar no âmbito do Ano Europeu do Património Cultural. Mais informações: <http://www.nemo.org>

Formação

Masterclass Cultural Retail & Merchandising

24–25 de Setembro

Org. Mapa das Ideias, Pporto dos museus e National History Museum | A Reserva, Barcarena, Oeiras

Com esta *masterclass*, ministrada por Mark Prescott, pretende-se promover uma experiência transformadora, simultaneamente prática e reflexiva, que permita a todos os participantes desenvolver competências específicas, de qualidade, num contexto de retalho especializado. Mark Prescott lidera a área de consultoria e desenvolvimento internacional do Natural History Museum de Londres, sendo *Clore Leadership Fellow* e tendo coordenado a estratégia cultural de Londres entre 2004 e 2009. Mais informações: <http://www.pportodosmuseus.pt>

Programa de formação da RPM

Org. Rede Portuguesa de Museus (RPM) | vários locais

Formação sobre *Desenho de Exposições e Museografia*: 25 e 28 de Setembro, na Ilha Terceira, Açores; *Segurança em Museus*: 9 a 12 de Outubro no Museu Militar de Elvas; *Conservação Preventiva*: 23 a 26 de Outubro no Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, em Lisboa; *Museus e Coleções: Disponibilização e Gestão de Conteúdos Online*: 6 a 9 de Novembro no Funchal, Madeira; *Educação e Serviços Educativos em Museus*: 27 a 30 de Novembro, no Museu Amadeo de Souza Cardoso, em Amarante. Mais informações: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt>

Re-Org Lisboa, workshop internacional

15–26 de Outubro

Org. ICCROM e Museu de Lisboa

O projeto Re-Org baseia-se em metodologias e ferramentas práticas de diagnóstico das condições das reservas dos museus e arquivos e orientações para a sua implementação. Em Lisboa, durante cerca de duas semanas, um grupo de professores internacionais irão orientar e aconselhar um grupo de 20 profissionais da conservação em museus a melhorar as reservas. O resultado esperado é a melhoria das condições de conservação e acondicionamento dos objetos existentes em algumas salas da Reserva Central, bem como uma formação especializada para todos os participantes com vista à aplicação da mesma metodologia nos seus museus.

Mais informações: <https://www.iccrom.org>

Formação ICOM-ICT *Promoting your Museum: Make it Relevant and Attractive*

14–22 de Novembro

Org. Centro Internacional de Formação do ICOM (ICOM-ICT) | Fuzhou, China

Trata-se da 11.ª edição do ICOM-ICT, que nesta edição visa explorar a relevância e a capacidade de atracção dos museus, atendendo a três aspectos: marca, tendências de marketing e relações públicas para atrair novos públicos. A formação inclui palestras de especialistas chineses e internacionais, trabalho de grupo e discussões, visitas a museus locais e outros sítios de interesse.

Mais informações: <http://icom.museum>

Chamada para propostas

Call for Papers Revista MIDAS n.º 10

Prazo limite: 27 de Julho

Org. MIDAS – *Museus e Estudos Interdisciplinares*

Aceitam-se propostas para o 10.º número (*Varia*) da revista MIDAS, nos seguintes formatos: artigos até 6 000 palavras; resenhas críticas de livros (edições até 3 anos) e de exposições (menos de 2 anos), até 1 500 palavras; notações (projectos, pequenos artigos), até 3 000 palavras. Todos os artigos seguem o processo de arbitragem por pares e sob duplo anonimato. Os textos devem ser enviados até 27 de Julho para: revistamidas@gmail.com. Mais informações em: <https://journals.openedition.org/midas/1479>

Call for Papers *The Exhibition: Histories, Practices and Policies* - Revista de História da Arte n.º 14

Prazo limite: 31 de Julho

Org. Instituto de História da Arte

Tendo como objecto de estudo as exposições, esta chamada para artigos para o 14.º número da revista de História da Arte (ed. Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa) tem como objectivo reunir: «*different readings, and disciplinary perspectives capable of problematizing the phenomenon of exhibitions, considering them as dynamic historical settings where individual and collective forces necessarily intersect.*» O leque de potenciais enfoques é alargado em termos de metodologias, cronologias, geografias e abordagens. Os *abstracts* devem ser enviados até 31 de Julho para rha.exhibition@gmail.com. Mais informações: <https://institutodehistoriadaarte.wordpress.com>

Colabore com o ICOM Portugal

O próximo boletim (Outubro) será enquadrado nas propostas de reflexão lançadas pelo Ano Europeu do Património Cultural 2018. Caso queira sugerir conteúdos contacte-nos através do email:

boletim.icom.pt@gmail.com (Ana Carvalho) até 20 de Setembro.

Temos também uma nova secção no boletim: *Opinião dos Membros*.

Participem!

Ainda não é membro do ICOM?

Saiba como em: <http://icom-portugal.org>

Já conhece a página de Facebook do ICOM Portugal?

Visite, comente e partilhe conteúdos em:

<https://www.facebook.com/icomportugal>